



*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

LUCIANO DE ANDRADE SILVA

O BEIJO NO CAMPO

Futebol e Literatura a partir de Nelson Rodrigues

**Vitória ó 2009**



LUCIANO DE ANDRADE SILVA

## O BEIJO NO CAMPO

Futebol e Literatura a partir de Nelson Rodrigues

Dissertação de mestrado apresentada como requisito para a obtenção de grau de Mestre em Estudos Literários, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.  
Orientador: Prof. Dr. Luís Eustáquio.

Vitória ó 2009



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

**DISSERTAÇÃO**

SILVA, Luciano de Andrade. *O beijo no campo: futebol e Literatura a partir de Nelson Rodrigues*.

Dissertação aprovada em 10 de julho de 2009.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Luís Eustáquio Soares  
Universidade Federal do Espírito Santo  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Deneval Siqueira de Azevedo Filho  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dr. Joaquim Branco  
Faculdades Integradas de Cataguases

---

Lino Machado  
Universidade Federal do Espírito Santo  
(Suplente)



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

## AGRADECIMENTOS

Se a leitura valer a pena, mérito para todos os que têm alguma intenção nobre em favor coletivo no uso da Literatura; como o poeta professor e amigo Joaquim Branco, certos professores com quem tive contato no mestrado na Ufes, os colegas amigos Francisco e Leandro, e o professor amigo Luís Eustáquio.



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

*Como texto, dedicado a todos que empunharem uma pena ou dominarem uma bola com a boa ingenuidade.  
Como trabalho, à minha família e amigos; sustento e ânimo.*



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Eis a caridade que nos faz o escrete: ó òdá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência. Em 58, quando acabou o jogo Brasil x Suécia, cada brasileiro sentiu-se compensado, desagradado de velhas fomes e santas humilhações. Na rua, a cara dos que passavam parecia dizer: ó òEu não sou vira-lata!ö. Em 62, a mesma coisa. De repente, sentimos que o brasileiro deixava de ser um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações.

Nelson Rodrigues



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

## RESUMO

Esta dissertação trata da relação da Literatura Brasileira com o tema futebol, desde a chegada do esporte ao Brasil, com atenção especial às crônicas de Nelson Rodrigues publicadas nos livros *A pátria em chuteiras*, *À sombra das chuteiras imortais*, e *Flu; ...e as multidões despertaram!*.

As crônicas são comentadas a partir de uma leitura atenta às suas características de arte literária, à postura autoral inferida nelas ó cujo grande mérito é exploração da metafísica do futebol ó, e às questões extra-literárias recorrentemente abordadas, principalmente as relacionadas com nacionalismo e alteridades.



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

## ABSTRACT

This dissertation deals with the relationship between the Brazilian Literature with a soccer theme, since the arrival of the sport in the country with a special attention to the chronicles of Nelson Rodrigues published in the books *õ A pátria em chuteiras, À sombra das chuteiras imortais, e Fla-Flu; ...e as multidões despertaram!*.

The chronicles are commented from a close reading of its characteristics of literary art, to the authorial position of inferred in them - whose great merit is the examination of metaphysics of football - and the extra-literary issues recurrently addressed, especially those related to nationalism and alterity.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 FUTEBOL: BARRO E METÁFORA .....</b>	<b>17</b>
1.1 Prrrrrii! .....	17
1.2 O jornal anunciou! .....	19
1.3 Personagens para a eternidade .....	21
1.4 Pena e bola íntimas .....	25
1.5 A intimidade e os comentários .....	26
1.6 Comendo a bola .....	28
1.7 Anjo pornográfico .....	30
1.8 Os inimigos do óbvio? .....	33
<b>2 O ESTILO RODRIGUEANO DAS CRÔNICAS .....</b>	<b>35</b>
2.1 O discurso da autoria .....	35
2.2 Ironia carnalizada .....	36
2.3 Um bêbado? .....	38
2.4 Epopéia informal .....	40
<b>3 A ÉTICA E A ESTÉTICA NA FICCIONALIZAÇÃO LITERÁRIA DO FUTEBOL .....</b>	<b>42</b>
3.1 Quem é o autor? .....	42
3.2 A intimidade do beijo (no campo) .....	42
3.3 <i>Cøest fini</i> .....	44
3.4 Um malandro carioca .....	46
3.5 Uma metafísica popular .....	48
3.6 Pelo buraco da fechadura .....	50
3.7 O gênio descontraído .....	50
3.8 Receita autoral .....	53
3.9 Um épico do futebol para o futebol .....	54
<b>4 FUTEBOL PARA EXALTAR ALTERIDADES.. E PENSAR .....</b>	<b>56</b>
4.1 Intelectualidade e jornal .....	56
4.2 O futebol .....	59
4.3 Futebol para todos .....	60



**PDF Complete**

*Your complimentary use period has ended. Thank you for using PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

	10
	<b>64</b>
<b>4.5 Metafísica .....</b>	<b>68</b>
<b>4.6 Nacionalismo .....</b>	<b>72</b>
<b>4.7 Nivelamento do erudito com o popular .....</b>	<b>76</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>80</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>84</b>

Parece não haver muitos motivos para um estudante de Literatura acreditar que seus colegas de área possam se interessar por uma dissertação cujo *corpus* é formado de textos sobre futebol; ou que leitores admiradores de Nelson Rodrigues possam se interessar pelos comentários de um estudante de Literatura sobre um gênero da sua produção normalmente considerado menor quando se trata de exaltar a sua genialidade, tendo em vista a notoriedade das suas peças de teatro.

Criando a partir do futebol, o autor se manifesta de uma maneira singular em relação à sua produção nos outros gêneros. Há, à parte do homem Nelson Rodrigues, o cronista de futebol cuja inteligência, por se apresentar constante, passei a considerar e denominar postura autoral. No entanto, associações possíveis ou necessárias desta postura autoral com a biografia do autor têm uma considerável importância aqui, principalmente na observação das questões extra-literárias da obra.

Convém esclarecer que as crônicas lidas para a produção deste estudo são as 183 reunidas nos livros *Fla-Flu; e as multidões despertaram* (1987), *À sombra das chuteiras imortais* (1994) e *A pátria em chuteiras* (1994). Escolha justificável principalmente pela possibilidade de se estabelecer uma satisfatória unidade do teor de todas as crônicas a partir destas, cujos processos de seleção resultaram num apanhado mais que suficiente para as considerações deste estudo, que não se dispõe a responder o porquê de as crônicas ficarem relegadas de tão vasta fortuna crítica sobre o autor, ou de serem escassos os trabalhos onde fôlego sobre a relação da Literatura com o futebol; mas das muitas considerações e propostas de reflexões apresentadas nele, algumas cabíveis respostas podem ser apreendidas.

Estas crônicas, por si, já seriam suficientes para argumentar a magnitude do futebol, a relação do esporte com as nossas belas letras, o engenho autoral de Nelson Rodrigues na lida com o esporte. E são matéria farta como ponto de partida para as propostas de reflexões de questões extra-literárias apresentadas.

O futebol, relevante por si só, como procurei afirmar com o primeiro capítulo, e o Nelson Rodrigues cronista de futebol, são dois assuntos ainda a ser explorados, assim como a relação da Literatura com este esporte. Os três temas foram o ponto de partida do meu interesse em me dedicar a uma leitura sistematizada e orientada das crônicas; e

zer, e pela coincidência de questões outras, recorrentes nelas, com minha pendência para uma visada prioritariamente filosófica e sociológica da Literatura, acabei por abortar a meio caminho a idéia inicial de fazer uma análise teórico-literária explorando apenas esta possibilidade do *corpus* e, mesmo sem o arcabouço teórico para abalzar uma postura de pensador das questões sociológicas e filosóficas emergentes na leitura, as abordei com as minhas opiniões, minhas provocações.

Sendo, em ambos os enfoques, o teórico-literário e o filosófico-sociológico, a Literatura sobre futebol um campo de pesquisa ainda pouco explorado, principalmente pelos teóricos mais consagrados ó aqueles cujos nomes na bibliografia já credenciam o trabalho ó nas áreas da teoria e da crítica literária, me vi diante de um desafio atraente: não havendo fontes consagradas para pesquisar e estabelecer um diálogo nos moldes tradicionais acadêmicos, e diante da obrigação de produzir um texto de extensão e teor satisfatórios para um trabalho de nível de mestrado, eu precisaria assumir o risco de ressaltar minha condição de primeira pessoa nas afirmações necessárias e conseqüentes nos diversos aspectos para os quais eu direcionasse a pesquisa ó e confesso, ela, não raro, me fugiu à previsão.

Essas guinadas um tanto à minha revelia, depois sistematizadas a bem da totalidade do trabalho, foram decisivas para a estrutura básica dele: nos dois primeiros semestres de estudos, eu e meu orientador planejávamos um trabalho de análise literária das crônicas; donde, percebendo a escassez de textos teóricos em que me pautar, decidi pela necessidade de um capítulo inicial totalmente dedicado a uma historiografia da relação da Literatura com o futebol; capítulo no qual me dedico a argumentar a relevância e a qualidade dos textos de criação inspirados e/ou ambientados neste lúdico e fascinante jogo de bola, desde logo depois da sua chegada ao Brasil, passando por sua consagração através de nomes como Mário Filho e o próprio Nelson Rodrigues, incluindo uma análise de um conto de Rubem Fonseca, representativo da condição de intimidade acentuada na relação abordada.

No segundo capítulo, sim, eu focalizaria ó como procede ó as crônicas em seus aspectos literários mais relevantes: o estilo literário rodrigueano, peculiar nas crônicas, merecedor mesmo de olhares mais atentos ó como reclama Ruy Castro, autor de sua biografia *O anjo pornográfico* (1992) ó; a concepção de um discurso elaborado,

o seu texto por meio, principalmente, dos jornais, e a inserção dos seus conhecimentos eruditos no bojo de assuntos diversos tratados a partir do futebol; o estilo autoral nas crônicas, cotejado com outra autoria conhecida na Literatura Brasileira, para o que escolhi o Machado de Assis de *Dom Casumurro*; enfim, coisas de apreciador de Literatura.

Para o terceiro capítulo, a mudança de rumo da pesquisa se fez inevitável: tendo analisado a forma do *corpus* que estudava, e, evidentemente, a informalidade ululante nele, senti a necessidade maior de lançar-lhe um olhar recuado em relação àquele do simples apreciador de Literatura, a fim de localizar politicamente a postura autoral por trás de tão exaltado discurso.

Assim, produzi um capítulo com a intenção de dialogar menos com as crônicas e mais com a inteligência por trás delas, e considerar a pertinência da recorrência de assuntos de interesse mais filosófico e sociológico do que literário. Ou seja, resolvi atentar à voz da arte, assinada por uma postura autoral artística, concebida numa realidade instigante à qual é análoga: a nossa condição política e social nos anos cinquenta, sessenta e setenta, quando o futebol se consagrou definitivamente como válvula de escape para as nossas mazelas, ao mesmo tempo em que se constituiu num motivo de orgulho e de afirmação da auto-estima da identidade nacional ó do que a voz da autoria citada, representada pela assinatura Nelson Rodrigues, foi o grande arauto ó, e também quando a exploração perversa do esporte pelos poderes constituídos foi mais explícita.

Coincidindo com a urgência desta lida mais ocupada com certas questões extra-literárias para as quais as crônicas se mostravam perfeito ponto de partida, passou a prevalecer, na minha postura de leitor, o interesse por questões filosóficas e sociológicas, e por pensadores destas duas áreas, muitos dos quais conheci por intermédio do professor Luis Eustáquio, que passou a ser meu orientador desde então.

Avaliando a mudança da minha postura diante do *corpus* central da pesquisa, percebi uma evolução linear apontando para a necessidade de um capítulo decisivo, no qual a abordagem das crônicas provocasse e sustentasse as meditações ideológicas que elas mesmas me haviam sugerido.

Mas, como associar textos sobre futebol a questões ideológicas? Como associar idéias de uma obra de arte concebida há mais de duas décadas a pensadores de questões

mais? E como conciliar tudo isso às minhas próprias conclusões e, mormente, às minhas próprias vontades de trazer certos conceitos emergentes das leituras, a ser gritados, como, creio, faria ó pois fez muito ó o Nelson Rodrigues das crônicas?

Para vencer as dificuldades em responder a estas questões e para direcionar e abalizar minha pesquisa, assim como minha nova postura de leitor, a pesquisa me levou à leitura de filósofos e sociólogos ó com as limitações de natureza universitária de um estudante de horas vagas, entre outros obstáculos à dedicação ideal a uma pesquisa à altura da importância do meu *corpus* e dos seus assuntos derivados.

A influência dessas leituras no meu texto reflete, portanto, minha condição atual de reflexão e, embora as citações não reincidam com a formalidade usual acadêmica, se dilui em todo o meu discurso.

E a mesma dificuldade em explicitar, na formalidade das citações, palavras de pensadores de questões extra-literárias, a tive em relação aos pensadores da Literatura; nestes, nos que encontrei, mesmo quando o futebol é o tema central, pouco conteúdo se me mostrou cabível no trabalho que me dispus a fazer; de alguns acabei citando opiniões que, por via avessa, me auxiliaram na percepção ou confirmação de idéias negadas ou desprezadas por eles, porém, se vistas com atenção, relevantes e esclarecedoras.

Já os textos de criação, para compensar, foram matéria farta e sempre cabível em todas as etapas da minha dissertação. Os de Nelson Rodrigues e os de outros tantos que não dá para nomear e nem deu para citar todos ó cheguei a citar marotamente um poema de Carlos Drummond de Andrade e um de João Cabral de Melo Neto, na íntegra ó merecem uma valorização que os conhecidos críticos da nossa Literatura desde sempre parecem adiar. Despeito ao futebol? Se sim, eles podem se apoiar nas palavras de Graciliano Ramos (1990) e Lima Barreto (1990), como se pode perceber no meu capítulo inicial; ou podem se justificar facilmente pelos aspectos negativos do uso que se faz do nosso futebol profissional atual. Mas a Literatura tem inteligência e sensibilidade para ler que futebol é muito mais que isso e aquilo.

Mas o que quero dizer é que há uma riquíssima fonte de prazer estético e pesquisa na Literatura sobre futebol no Brasil, mesmo para quem não gosta do esporte.

básica da dissertação a que introduzo aqui, ela acabou compondo um contorno desvelador do potencial do *corpus*, se não pela minha inabilidade na produção acadêmica, ao menos pela evolução da abordagem: um capítulo inicial de apresentação do universo no qual surgiram as crônicas, com a explícita intenção de exaltar o valor cultural deste universo, o futebol na Literatura; um segundo trazendo à tona o próprio *corpus*, as crônicas, através de uma análise de caráter estético, também com a explícita intenção de exaltar seu valor; um terceiro situando a autoria por trás deste *corpus* como uma manifestação artística esclarecedora de uma realidade altamente significativa do nosso passado e influente no nosso presente; e um quarto comentando e propondo reflexões sobre questões extra-literárias atemporais, porém urgentes ó especificamente as mais recorrentes nas crônicas: a metalinguagem das crônicas como comunicação além da Literatura, o nacionalismo, a metafísica, o nivelamento do erudito com o popular e a exaltação de alteridades.

Do prazer que a leitura das crônicas proporciona, motivo primeiro da minha decisão de estudá-las, à exploração das importantes questões latentes nelas, motivo maior da minha satisfação em tê-lo feito, passando pelas etapas intermediárias convenientes, é o percurso desta dissertação.

Tendo já confessado a deficiência em seguir nela o padrão tradicional acadêmico de abalizar tudo ou quase tudo o que pretendo dizer ou digo através de citações, confesso ainda a minha condição de amador e amante do futebol; sinto prazer em jogar minhas peladas e me preocupo constantemente com os rumos dados a este esporte tão poderoso.

O meu encontro com as crônicas foi um acontecimento marcante para mim. Até então eu não encontrara e nem imaginava a existência de uma autoria dedicada a ficcionalizar o futebol priorizando a metafísica essencial do seu universo.

Em tempos de tecnocracia à frente de quase todas as atividades, tempos em que até nas artes se valoriza o distanciamento sentimental entre inteligência e objeto, assumo ó meu texto certamente me denunciaria ó minha condição de apaixonado pelo futebol e pela Literatura; a mesma paixão, facilmente inferível na autoria das crônicas, indispensável para a percepção e para a exaltação dos maiores valores do futebol, que merecia mesmo um Nelson Rodrigues como transmissor das suas potencialidades para o

como mereceu um Mário Filho para a sua valorização

como atividade cultural.

Tendo se tornado influente na vida financeira, política e social do país, a tendência natural é a de um crescente número de obras abordando o esporte sob vários enfoques, como já fizeram Roberto DaMatta e Gilberto Freyre na área dos estudos sociais. Nos meios literário e filosófico, as crônicas seguem, como verifiquei, à espera de maior reconhecimento e mais discussão sobre suas qualidades.

Se esta dissertação contribuir de alguma forma para isto, devo creditar mérito à respeitabilidade dos professores do Mestrado em Estudos Literários da UFES, responsáveis pela minha atual condição de produção intelectual. Ter-me aceitado como aluno para pesquisar tal assunto já representa mérito para eles, independente da questionável qualidade da minha produção.

Ainda que prevalecendo a primeira pessoa ao longo de toda a dissertação, ela é o resultado de uma multiplicidade de vozes, constantemente a me moldar a verdade transmitida nela, a de um aprendiz das lições do futebol e da Literatura.



### 1.1. Prrrrrii!

Há cento e trinta anos desembarcavam no Brasil, com os ingleses que sabiam fazer a urbe moderna, umas bolas de chutar: chegava o *football*. Conjeturar o pensamento desses amadores de um esporte até então inexistente no nosso país é tarefa que não me atrai; mas gosto de pensar que eles não tinham idéia do que provocariam na cultura brasileira, como pensou também o jornalista inglês Alex Bellos, autor de *Futebol: o Brasil em campo* (2003), pesquisa das curiosidades do esporte no Brasil:

Tenha ou não sido jogado antes em solo brasileiro, Charles [Miller] é considerado o progenitor "oficial". Ele dificilmente poderia imaginar o papel que sua bagagem esférica iria ter no destino do país. As duas bolas de futebol iriam torná-lo mais tarde um herói nacional, imortalizado com nome de praça em São Paulo. (Bellos, 2003, p. 33)

Por falar em nossa cultura, a Literatura estava lá. Sua vontade de verdade e de popularidade colocaram-na em rivalidade com o esporte bretão? Questão também provocadora de conjeturas; e de uma reflexão, que arrisco metaforizar: movida a amor e ódio, despeito e admiração, nascia uma relação que daria muito a se escrever:

Literatura e futebol sempre estiveram ligados desde que o esporte surgiu. Em 1930, Coelhinho marcou o primeiro gol do Brasil numa Copa do Mundo. Seu pai, Coelho Neto, era romancista e membro da Academia Brasileira de Letras, além de Fluminense doente. [...]  
Apesar de sua paixão pelo futebol, Coelho Neto não o incluiu em sua obra. O futebol, embora apreciado por todas as camadas sociais, durante muitos anos não foi levado em consideração como uma coisa séria do ponto de vista artístico. Em 1953 acharam escandaloso quando apareceu em uma peça. [...]  
*A falecida* é de Nelson Rodrigues, o maior dramaturgo brasileiro. (Ibidem, p. 217)

Mas o futebol não precisou esperar Nelson Rodrigues para aparecer na Literatura. Muito antes das suas crônicas, ou da referência ao jogo nas suas obras de ficção, outros grandes nomes das nossas letras já se rendiam, de um ou outro modo, nos seus escritos, ao apelo da bola.

o Ramos, Lima Barreto e outros que praguejaram contra o futebol, se soubessem que seus textos são usados agora a bem dessa relação?

Graciliano Ramos escreveu:

Para chegar ao soberbo resultado de transformar banha em fibra, vem aí o *football*.

Mas por que o *football*?

Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo? (Ramos, 1990, p. 26)

Lima Barreto:

No sábado último, no salão da Liga Metropolitana dos Trancos e Pontapés, em presença de numerosa e seleta assistência, o Doutor Francoso Hell Jacuecanga, consultor literário da liga, pronunciou afinal a sua anunciada conferência sobre a educação física, o *football* e suas conquistas e progressos entre nós.

E começou invocando nomes da defunta e vagabundíssima Grécia; citou filósofos e educadores, omitindo cautelosamente o nome de Spencer, porque, certamente, já tinha notícias de que existia um livro desse grande filósofo inglês, em cujas páginas o jogo dos pontapés não é lá muito bem tratado. (Barreto, 1990, p. 8)

Quanto ódio e despeito...! Mas afirmei haver diversos sentimentos envolvidos, e como, entre eles, há sempre mais favoráveis ao futebol do que contrários, uso primeiro estas porque gosto das vitórias de virada. E antes de comentá-las, apresento outras, em que se manifestam o amor e a admiração ao esporte, para melhor sustentar a relação que metaforizo:

João do Rio escreveu:

Não! Há de fato uma coisa séria para o carioca: o *Football*! Tenho assistido a *meetings* colossais em diversos países, mergulhei no povo de diversos países, nessas grandes festas de saúde, de força, de ar. Mas absolutamente nunca eu vi o fogo, o entusiasmo, a ebbriez da multidão assim. Só pensando em antigas leituras, só recordando o Coliseu de Roma e o hipódromo de Bizâncio. (Rio, 1990, p.19 e 20)

Orígenes Lessa:

Era o orgulho de Buritisal. Resumia-lhe a vida e as aspirações. Marcava o seu lugar entre as povoações e vilas da zona. E, na vila, desde o garoto

te aos mais velhos e respeitáveis personagens, toda a gente ficou cheio ao pensar no Esperança Football Club.

(...) Seu vigário rezara de graça uma missa pela vitória. O prefeito prometera cerveja pra quem quisesse, até cair... Uma professora do Grupo preparara um discurso que seria lido pela melhor aluna, depois do jogo. A rapaziada apostava, confiante, com os forasteiros, na vitória do *club*. E, como as moças da terra, fazia três dias que a molecada de Buritisa não pregava o olho, noite adentro. (Lessa, 1990, p. 43 e 47)

Alcântara Machado:

Prrrii!

[...]

Delírio futebolístico no Parque Antártica.

Camisas verdes e calções negros corriam, pulavam, chocavam-se, caíam, contorcionavam-se, esfalfavam-se, brigavam. Por causa da bola de couro que não parava, que não parava um minuto, um segundo. Não parava. (Machado, s.d., p. 64)

Aos comentários; começando com as citações regadas a ódio e despeito:

Ressalte-se que Graciliano Ramos escreveu em Alagoas sua crônica, o que dá ambigüidade a ãesta terraõ. Enquanto ele temia que, também por lá, o futebol vingasse como ãa mania, a maluqueira, a idéia fixa de muita genteõ (Ramos, 1990, p. 24), no Rio e em São Paulo o futebol já não era só uma moda.

Ressalte-se também que o autor fazia parte de uma camada da população que não tinha mesmo uma condição física adequada para o futebol. E ressaltase ainda: ele e Lima Barreto subestimaram o potencial de intelectualidade de um esporte, para eles e até para os outros autores citados, impressionante principalmente pela brutalidade e pelo teor apaixonado.

Temido como uma influência cultural resumível à paixão que podia ser ó e foi, e é ó, o futebol talvez tenha incomodado a muitas eruditas inteligências, como a dos escritores alagoano e carioca. E nestes dois a Literatura e o futebol não se amaram mesmo.

Respondendo a este preconceito, ainda existente, hoje não há mais como negar a relevância do uso de faculdades intelectuais na prática do futebol, como podemos perceber na citação a seguir, de Edu Coimbra, jogador profissional de sucesso e posteriormente mais bem sucedido ainda ensinando o futebol em várias partes do mundo:

no futebol é aquele que tem a faculdade de imaginar, intuir, idealizar e se inspirar através do raciocínio lógico. Que tem a facilidade de receber sensações externas, de perceber, pressentir, deduzir e concluir através da razão consciente ou do estudo do fato. É aquele que combina idéias, que acerta nas probabilidades, que guarda na lembrança, recorda e representa mentalmente. Por fim, é aquele que tem juízo, que recebe o estímulo e realiza bem o que pensa. (Coimbra, 2001, p.29)

Nas palavras de João do Rio, Orígenes Lessa e Alcântara Machado, também contemporâneos da afirmação do novo esporte entre nós, apesar de ainda sob a empolgação provocada principalmente pela passionalidade e virilidade, a admiração e o amor aparecem.

Eles e seus leitores se deleitam com as novidades ó no futebol, os estádios cheios, em festa; na Literatura, o conto modernista ó, como se nota, por exemplo, na pena do pré-modernista Alcântara Machado; no conto *Corinthians (2) x Palestra (1)* dele, do qual extraí o fragmento citado, é fácil perceber que a Literatura ouviu o futebol: é o estádio quem dá o tom do discurso e muitas vezes até a voz da narrativa. O narrador, com poucas intromissões, apenas escolhe e organiza um enredo entre os tantos possíveis naquela circunstância. A onomatopéia do apito do juiz abrindo o conto anuncia a presença do futebol como barro para nossa produção literária. A relação evoluíra de flerte para diálogo.

Artistas, filósofos, antropólogos, sociólogos, historiadores, políticos, empresários, literatos etc, tinham, então, uma nova prática cultural a pensar; prática que se alastrava rápido por todo o território nacional. E enquanto as cidades cresciam rapidamente, o futebol, cultura de massa, emocionava mais e passava a movimentar muito dinheiro e interferir diretamente nas relações sociais e financeiras de todas as cidades onde era praticado.

## 1.2. O jornal anunciou

O jornal, que no início do século passado explorava a Literatura no formato do folhetim popular, passava, já por volta da segunda metade da segunda década, a explorar e a se faltar com o dinamismo de um esporte gerador de assunto diariamente, e

repetir, com êxito, seu maior evento ó então, o Fla-Flu ó dezessete vezes num mesmo ano; sempre garantindo a venda de volumosas tiragens nas edições das manhãs, tardes e noites dos dias dos jogos.

O futebol se tornara tão importante que Gilberto Amado escrevia artigos metendo o pau no Prefeito (sic) por causa de uma derrota do escrete carioca. O Prefeito, coitado, nada atinha a ver com a história. Mas para Gilberto Amado, governador da cidade que ficava vendo indiferente o escrete carioca levar uma surra do paulista, não era prefeito, não era nada. (Filho, 2003, p. 111)

É evidente a exploração jornalística do assunto, já relacionando, embora de maneira sarcástica, como fazia Gilberto Amado, o futebol à política pública, em nome do maior proveito possível da popularidade do esporte.

Focalizando a ascensão social do negro, no Brasil ó ou, pelo menos a diminuição da exclusão deles ó através do futebol, o então também jornalista Mário Filho aborda, no seu clássico *O negro no futebol brasileiro* (2003), aspectos interessantes da relação cultura/poder quando o jogo de bola se tornou um jogo de milhões.

O São Paulo gastara duzentos contos, fizera o maior negócio da vida dele, e ainda ajudava os outros a ganhar dinheiro. Qualquer joguinho de futebol no Pacaembu dava cem, duzentos contos. Leônidas não precisava jogar. O torcedor sabia que ele estava em São Paulo, bastava. [...] E, depois, Leônidas não era o futebol? A paixão pelo futebol cresceu. A paixão por Leônidas. Quando uma casa comercial queria armar uma vitrina de sucesso, já sabia. Botava um retrato de Leônidas lá dentro, apinhava-se de gente na calçada, o trânsito ficava impedido. (Ibidem, p. 226)

Não dava mais para desvincular o futebol da cultura brasileira. E a Literatura já não apresentava mais sinais consideráveis de aversão. Muito ao contrário, por volta da metade do século passado, a relação já se mostrava qual jura de amor eterno.

É nesta época que Nelson Rodrigues começa a escrever as crônicas.

### 1.3. Personagens para a eternidade

Antes de Nelson Rodrigues, deve-se pensar em Mário Filho, um ícone da influência que o futebol passou a exercer sobre a gente de todas as classes sociais no

ento para as letras, foi um dos grandes personagens da história do nosso futebol. Quando idealizou o Maracanã, o futebol já estava pronto para fazer a nação inteira rir ou chorar ó questões éticas importantes a respeito da diminuição do preconceito racial, da valorização de alteridades desprestigiadas e da afirmação de uma identidade nacional, presentes no seu *O negro no futebol brasileiro* (2003) serão abordados num capítulo posterior deste trabalho, em diálogo com as crônicas de futebol de Nelson Rodrigues.

E como este trabalho se baseia principalmente nestas crônicas, seu autor não poderia deixar de ser abordado com atenção nesta breve historiografia da Literatura sobre futebol no Brasil. Quando o esporte se firmava entre nós, Nelson Rodrigues era ão menino da rua alegreö, como o chama Marcus Tafuri no título da biografia do autor para leitores infanto-juvenis:

O pai, os irmãos, os conhecidos, os amigos ó todos eram jornalistas.  
Só ele era o jornalista de calças curtas.  
Não era sorte. Era o destino que soprava em seus ouvidos:  
ó Vai, moleque, vai ser jornalista. (Tafuri, 1995, s.p.)

Numa das crônicas sobre futebol lidas para este trabalho, o autor, já jornalista, remonta à época do flerte entre o mundo das letras e o da bola, e se faz personagem no meio do fascínio que a promissora relação já podia provocar:

Lembro-me de uma vizinha, gorda como uma viúva machadiana, entrando em minha casa. Vinha da cidade e repetia, desvairada: ó ãEu vi o Rui Barbosa! eu vi o Rui Barbosa!ö E porque o vira, de passagem, por um momento fulminante, ela teve que se abanar e tomar água com açúcar. Eis o que eu queria dizer: ó o meu herói podia ter sido o Rui e foi o Marcos de Mendonça.  
[...]. Foi o meu herói de calções e chuteiras. Enquanto a guerra povoava a Europa dos mortos em flor, Marcos de Mendonça enchia a minha infância. (Rodrigues, 1987, p. 38)

Desta crônica se poderiam extrair argumentos para formular a tese de que o futebol teria chegado como uma verdade nova e agradável o suficiente para abastecer uma cultura até então ocupada com outras verdades outorgadas e auto-promovidas, porém, sem força para emocionar a nova gente brasileira. Mas, teses, neste trabalho, são só sugestões.

ul também acredito ó é que o jornal foi o grande canal de contato entre a Literatura e o futebol. Das redações dos escandalosos ãA Manhã e ãCríticaã, do polêmico Mário Rodrigues, surgem os dois mais significativos nomes na lida com o assunto futebol, os filhos do próprio Mário Rodrigues: o primeiro, Mário Filho, foi padrinho do futebol e dos futebolistas, e foi o cupido necessário para que o esporte se aprontasse e se entregasse para a pena do outro, Nelson Rodrigues.

Nela, ou nele, a paixão entre a bola e a palavra explodiu com uma fertilidade tal que hoje é difícil saber quantos textos sobre futebol ele produziu. Dá para brincar de dizer que são tantos quantos foram os gols de Pelé; continuando a brincadeira, Nelson Rodrigues escreveu mil e tantas crônicas e foi o Pelé da Literatura sobre futebol.

Com as quase duzentas que tenho lido, compus o que tenho chamado de postura autoral, na qual pude constatar algumas características, constantes na forma e no conteúdo. Estas características constantes serão comentadas em sua condição de textos literários, ressaltando o estilo singular da autoria, cuja postura nos aspectos político, social, cultural, étnico e ideológico também se define nas crônicas propiciando a percepção de marcas do Nelson Rodrigues cronista de futebol.

A postura autoral é, então, considerada como resultante da condição de produção de um artista talentoso com as letras como um de seus personagens craques, a driblar as restrições políticas de direita e esquerda e criar com alegria e desenvoltura textos ricos em abordagens de assuntos de interesse geral, com certas características louváveis.

Entre as mais interessantes, as mais reincidentes já exemplifico aqui; elas serão comentadas no último capítulo, mas já devem ser destacadas para erigir uma ilustração condensada das possibilidades de reflexão do jogo de bola na sua condição de atividade social altamente reveladora das características da nossa gente e, ao mesmo tempo, confirmar a sagacidade da postura autoral rodrigueana no trato com este universo:

#### Metalinguagem:

Não sei se me entendem a imagem. Mas Coutinho não sugere outra coisa, senão o sujeito que come a bola de uma maneira, por assim dizer, material, física. Ao sair de campo, parece-lhe escorrer dos lábios o sangue, ainda vivo, ainda efervescente da bola recém-vampirizada. As inteligências simples, bovinas e, atrevo-me mesmo a dizê-lo, vacuns, hão de rosnar: ó ãLiteratura!ã. Parece, amigos, parece! (Ibidem, p. 67)

ormal, a autoria brinca, neste fragmento como em muitas passagens das crônicas, com a condição de ficção concebida a partir de fatos. E transmite a alegria em lidar com um assunto farto em ocorrências boas de se imaginar literariamente e com a possibilidade de se as vaticinar como verdades. Quem puder, que leia como Literatura, amigos... pois não parece?

#### Nacionalismo:

Ponham o brasileiro numa ilha deserta. Ele sozinho, como um Robinson Crusóe, ou apenas com uma arara no ombro. E o brasileiro, sem mais ninguém, bebendo água em cuia de queijo Palmira, será um rei shakespeariano, terá um peito de César proclamado. (Idem, 1994, p. 89)

A única revolução realmente popular da nossa nação foi a revolução que o futebol proporcionou na nossa cultura, principalmente propiciando a afirmação da nossa identidade como uma alteridade a ser reverenciada entre todas as outras. Depois dos títulos mundiais e das crônicas de Nelson Rodrigues extinguiu-se o nosso complexo de vira-latas, e ser brasileiro passou a ser motivo de orgulho e até de respeito e admiração internacional.

#### Metafísica:

Aí está dito tudo: ó há milagres no futebol. E a reação da torcida é a mais imprevisível. Amanhã, há um Fla-Flu, mais um Fla-Flu. É um clássico que magnetiza toda a cidade. Ontem encontrei-me com a grã-fina das narinas de cadáver. Ela veio para mim, feliz do encontro. Disse: õõVou ao Fla-Fluõ. Imaginem vocês que, outro dia, ela me entra no õMário Filhoõ e pergunta: õõQuem é a bola?õ. Não sabia quem era a bola, mas era tocada pela magia do Fla-Flu. (Ibidem, p. 111)

Milagres, imprevisibilidade, magnetismo, imaginação, enfim: metafísica. Cada uma destas palavras, tiradas deste pequeno trecho de crônica, pode ser uma boa chave para entrar no universo do futebol, principalmente o praticado no Brasil; e no das crônicas de Nelson Rodrigues, quem melhor soube explorar as metafísicas do esporte entre nós.

#### Cotejamento do erudito com o popular:

Geralmente, o bom escritor brasileiro não acredita em futebol, é um desconfiado do futebol. E conta-se o caso daquele poeta que, levado à



um jogo, apontava o campo, aos berros: ó ãQue é aquilo? Que Foi socorrido e descobriu-se que ãaquiloö era a bola. Zé Lins não pertencia a este tipo de intelectual, de laranja, e fez-se íntimo do esporte que é a paixão do povo. E não ia para o campo com a displicência superior de quem se coloca acima da plebe ululante, da plebe alvar. Absolutamente. Ele torcia tanto ou mais que qualquer torcedor ignaro. E ninguém mais apaixonado, ninguém com maior capacidade de se entregar à torcida, como se um gol do Flamengo fosse a coisa mais transcendente do mundo. (Ibidem, p. 34)

Se a prática do futebol exigisse o dispêndio de dinheiro, a história recente do Brasil seria diferente, e deste esporte leriam os eruditos belas páginas em alguns autores clássicos que se interessassem pela magia nata de um esporte de aristocratas; mas uma bola de meia já é suficiente para despertar tal magia, e, numa terra de sincretismos, o jogo de bola conquistou aristocratas, miseráveis, imigrantes, José Lins do Rego, Manoel dos Santos etc., que se tornariam, uns com mais, outros com menos importância, independentemente da condição financeira, os apaixonados que promoveram o jogo à condição de atividade cultural mais significativa desde sua chegada aqui.

Nesta condição, o futebol pôde e pode aproximar, até o contato físico, eruditos com populares, como mostram as crônicas. A própria postura autoral delas reflete a condição de nivelamento pela forma e conteúdo das abordagens. Não é pequeno o mérito do futebol e não é pequena a sagacidade rodrigueana pelo igual tratamento que se deve dar à cultura erudita de um José Lins do Rego e à cultura popular de um Manoel dos Santos, o Garrincha.

Há, ainda, a ser comentada, a exaltação de alteridades, característica presente em todos os temas anteriores e diluída nos textos; marca de uma autoria também auto-posicionada como alteridade em relação à crônica esportiva brasileira, que, como o esporte, ou qualquer arte ou ciência, pode encontrar seus gênios entre as tantas alteridades infelizmente quase sempre mal cuidadas no Brasil:

Mais esperto, mais ágil, mais inteligente, mais moleque, sobreviveu. Ao passo que o adversário sofreu uma fratura. É essa fratura que a colunista, com sua afetação grã-fina, chama de ãgafeö. E se o fraturado fosse Pelé? Toda a imprensa, inclusive a antiqüíssima senhora, diria que fora ãsem quererö. Pois parte considerável da nossa imprensa convencionou que todos os alemães só têm boas intenções. Ao passo que o nosso Pelé é uma víbora de tûmulo de faraó. (Ibidem, p. 99)

Com a fluência urgente das redações jornalísticas, a prosa rodrigueana mesclava fácil o coloquial, peculiar ao ambiente futebolístico, com recursos retóricos acurados, apurados das leituras e do meio intelectual em que o autor passou a conviver, principalmente depois da estréia da sua peça *Vestido de Noiva* (1943).

Por falar em noiva, e voltando à minha metáfora, já posso escrever que as crônicas de Nelson Rodrigues são a sagração do amor entre a Literatura e o futebol: o beijo no campo. Depois dele, a relação já tinha intimidade para ser explorada mais a fundo pelos artistas da palavra. A identidade nacional já apresentava aspectos associáveis imediatamente ao esporte, e a ficção literária já tivera o seu precursor na tarefa de captar e valorizar as subjetividades e a metafísica envolvidas.

Só não se podia, explicitamente, explorar a manipulação política mal disfarçada da popularidade do jogo e dos jogadores. Ou se podia?

### 1.5. A intimidade e os comentários

O professor e poeta Joaquim Branco me falou que o romantismo acaba junto com a festa de casamento. Quando o casal entra na casa nova e fecha a porta, começa o realismo; portanto, por enquanto, considero terminado o romantismo na relação de que trato. Por enquanto, porque, continuando a bibliografia da relação da Literatura com o futebol, interrompo o trato com as crônicas de Nelson Rodrigues, que representam a intimidade e o romantismo desta relação, para analisar um texto que representa a exploração da condição de intimidade com que a Literatura já tratava o futebol depois do sucesso das crônicas ó Nelson Rodrigues ainda as produzia; estava em sua última década de produção, do fim dos anos sessenta em diante, quando muito já se diversificara toda a produção artística e cultural no país e as respectivas opiniões críticas.

Para ilustrar o realismo que se seguiu na relação de que trato, e o natural acúmulo de interpretações que os textos sobre futebol já geravam, me ocupei de outro conto presente na coleção *22 contistas em campo* (2005), assim como o já citado

; é *Abril, no Rio, em 1970* (1975), de Rubem Fonseca, outro escritor representativo do potencial de popularidade da Literatura.

Escolheria a palavra-chave subjetivismo para abrir uma boa linha de análise do texto, mas descobri ó e não me conformo ó que palavra-chave é só um rótulo para se localizar uma produção, e não uma palavra chave para um diálogo com ela. Com minha chave, subjetivamente, fiz uma leitura atento a aspectos políticos do conto; da qual trato adiante, porque a melhor maneira de começar a abordá-lo é apresentar seu protagonista, o Zé, e sua apresentação é menos política do que psicológica, como em muitos outros contos do autor.

A realista relação do Zé, jogador amador, com sua namorada, ilustra bem a força e até a violência da anulação de uma subjetividade. É o relacionamento pós-moderno.

(...) palavra de honra, um cara me disse ontem, um cara que está por dentro, que o atleta não pode andar com mulheres na véspera do jogo. Tive vontade de dizer mais, com uma igual a você nem se fala, você me deixa no osso, é a noite inteira, sem parar, mas fiquei com medo que ela quebrasse outro prato na minha cabeça. (Fonseca, 1995, p. 388)

Ele se move pelo desejo de virar craque da seleção e mudar de vida. Nely quer sexo e não admite que o namorado saia sem satisfazê-la, mas uma voz que ditara a regra de não se fazer sexo em véspera de jogo, acaba prevalecendo... (tenho vontade de enfiar aqui uns testemunhos pessoais... mas, não!); só reproduzo a opinião de um massagista profissional que falava que o sexo antes do jogo só atrapalha se atrasar o jogo.

E a leitura política? Para mim, ela começa no título do conto: se o ano 1970 é altamente significativo da afirmação da ditadura, e o acontecimento mais importante foi a conquista do tricampeonato mundial, não seria mais interessante ambientar o conto nos dias da realização da Copa?

Talvez abril seja uma data mais precisa para marcar o fim da utopia coletiva dos anos sessenta e a adesão ao modelo social estabelecido militarmente: o AI 5, do fim de 68, e sua severa e perversa imposição em 69, provocara, no Rio ó cidade litorânea e turística em cujo ano novo, nos planejamentos e nas atitudes, começa depois do carnaval ó, o arrebatamento definitivo da massa, que, em abril, entrara definitivamente nos anos setenta gritando òpra frente Brasil!ö.

O protagonista, que começa o conto movido por um sonho, termina sem subjetividade até para jogar fora sua chuteira.

r um time que tem Jeová como o grande nome, e que, no fim, lhe aparece de costas, só restou seguir a multidão e torcer entre os õnoventa milhõesö:

Fui o último a sair. Começava a escurecer. Na sombra da tarde o campo ficava ainda mais feio. Eu estava sozinho, todos tinham ido embora. Fui andando, passei por um monte de lixo, tive vontade jogar ali a maleta com o uniforme. Mas não joguei. Apertei a maleta de encontro ao peito, senti as traves (sic) da chuteira e fui caminhando assim, lentamente, sem querer voltar, sem saber para onde ir. (Ibidem, p. 391)

A despeito da arbitrariedade ó na minha leitura e possivelmente na da censura, que proibiu o conto, tendo proibido o livro *Feliz ano novo* (1975) ó na consideração de um teor õsubversivoö, outras leituras se podem fazer. O jornalista Bruno Zeni, em ensaio para a revista *Cult*, depois de considerar o conto como õprovavelmente a melhor peça de ficção sobre futebol já escrita no paísö (Zeni, 1998, p. 54), destaca os temas mais relevantes da sua leitura: õHá de tudo um pouco: referências históricas, lances de jogo, a figura proibida do feminino antes da batalha, o desejo de reconhecimento, fama e ascensão socialö (Ibidem, p. 53).

Chega a ser curiosa a recorrência de leituras diversas deste texto. Num estudo literário publicado na Internet, o autor, José Carlos Mackenzie (2006), afirma não constar no texto o nome do personagem; não procede. Na mesma edição da *Cult* citada o também jornalista Marcos Faerman afirma que o nome é citado apenas na primeira e na última fala reproduzidas no texto; também não procede.

Sobre a temática do conto, Faerman releva o contraste entre a condição social vivida e a pretendida pelo protagonista. Assim erra menos que seu colega, pois *Abril, no Rio, em 1970* não é uma õpeça de ficção sobre futebolö, independente do sentido pretendido para o termo õpeçaö: o futebol, no conto, é metáfora ou, quando muito, pano de fundo.

## 1.6. Comendo a bola

... continuando a metáfora da relação do futebol com a Literatura, õa peçaö tem características curiosas: depois do casamento, a memória do casal falha mais? Em *Abril*,

eca erra o nome de um personagem; mas Thiago e Tião é a mesma coisa..., diria algum marido, depois do vacilo.

A banalização da escatologia é mais comum depois do casamento? O cuspe do Gérson é o assunto inicial do conto. E ressurge em várias passagens, banalizado e conjecturado, como talvez se devesse mesmo fazer quando sempre se evita, principalmente em relação que ainda não virou casamento.

Mas é melhor parar com essas curiosidades, afinal trato da ficcionalização do universo do futebol, e das possíveis leituras, como concretização da relação entre o esporte e a Literatura, e, a bem da seriedade do trabalho, interessa, mais do que pensar em curiosidades, pensar a forma de utilização desse universo na criação artística.

Para o autor de *Abril, no Rio, em 1970*, o futebol foi matéria-prima para a construção de uma metáfora. E, no seu método criativo, realista, ele parece ter-se preocupado menos com a reação dos jogadores e das torcidas, e mais em devolver-lhes, na condição de leitores, em arte, o que eles próprios proporcionam à realidade. Com a imagem do futebol, o discurso do autor revela, qual um negativo fotográfico, aspectos normalmente despercebidos no que se considera real.

O jogo tem mesmo o aspecto de prova de caráter e de verdades convencionadas, como analisa Roberto DaMatta:

No futebol (como na chamada *õvida realõ*), os homens estão relacionados em times (e famílias), pretendem vencer e atuam com certo estilo. Mas não podem controlar as ações da equipe adversária, nem sua habilidade, ou as coincidências, os erros e acertos que decorrem do próprio jogo. Mesmo quando uma equipe apela para meios mágicos de vitória, (o que é muito comum no futebol brasileiro), em todos os escalões, a vitória pode ser situada no plano do favorável, mas nunca da certeza. Ora, é precisamente essa interação complexa do time com o time adversário, do time com ele mesmo, das duas equipes com as regras que governam o espetáculo, e das equipes, regras e público com os controladores da partida (juízes e bandeirinhas), que cria o fascínio exercido pelo futebol enquanto um jogo e um drama. (DaMatta, 1982, p. 31)

A expressão *õdramaõ* pode ser empregada para explicar certas atitudes surpreendentes observáveis no futebol, de jogadores, torcedores e de todos os envolvidos, mas não é suficiente para explicar tantos casos de mudanças de postura individual ocasionadas nas situações extremas recorrentes no entorno do esporte.

eiro *Romeu e Julieta* (2005) em que Romeu confessa a Baragatti, seu sogro, palmeirense fanático, sua paixão pelo Corinthians, ilustra bem essa mudança de postura; mudança radical, porém, sem a perda da identidade essencial sempre exaltada nos textos de Nelson Rodrigues.

Sob este foco, o *Zé*, de *Abril, no Rio, em 1970* pode ser considerado um anti-herói, pois enquanto os personagens de Nelson Rodrigues resistem e vencem as adversidades da vida de futebolista, e consagram a si próprios e a profissão, ele se mostra fraco pela ausência permanente da defesa de sua opinião.

Supressão do subjetivismo ressaltado apenas na minha leitura política? Se sim ou não, trata-se de um texto complexo nas possibilidades de interpretação da construção psicológica dos personagens, assim como era problemática a formação psicológica dos brasileiros daquele tempo, provavelmente o mais efervescente em formação de personalidades nas artes e na política da nossa história.

E a Literatura, usando o futebol, como barro ou como metáfora, cumpria seu papel de produção cultural, a partir da qual muito se pode apreender na análise da história da formação da nossa identidade.

### 1.7. Anjo pornográfico?

Nelson Rodrigues, já consagrado, principalmente por seu teatro, foi uma personalidade mal compreendida e não raro criticada por ativistas de todas as correntes políticas. Aqui, interessa apenas analisar a postura autoral representada por sua assinatura nas crônicas, a qual dribla os códigos de comportamento de direita e os de esquerda, resguardando sua posição de porta-voz das possibilidades artisticamente exploráveis no futebol.

Quando ele apareceu, o jogo, atividade dramática, carecia de um artista para explorar a condição humana dos envolvidos. Sem ele, o distanciamento entre escritor e assunto ó ao qual ele próprio se referia dizendo que o escritor brasileiro não sabia sequer cobrar um arremesso lateral ó certamente não impossibilitaria, mas atrasaria o *boom* da criação de textos notáveis sobre o esporte, como se verificam entre os de João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo.

extensa lista de nomes dos quais de alguns me obrigo o registro, como Murilo Mendes, Paulo Mendes Campos, José Lins do Rego e Luis Fernando Veríssimo.

De Drummond e João Cabral sinto-me tentado a citar pelo menos pequenas mostras de como a poesia do universo do futebol pôde se materializar em versos:

#### A língua e o fato

Precisamos dar um nome  
Português a este desporto.  
De resto, o nome genérico  
nem tem cara de vernáculo.  
Lincoln, de latim provido,  
Hesita entre bulopédio  
E globipédio. Afinal  
Define-se por ludopédio  
No jornal oficial.  
Aprovado o lançamento  
Por força de lei mineira  
Não assinada mas válida,  
Eis que de súbito estraleja  
Barulho estranho lá fora.  
A redação se interroga.  
Que foi? Que não foi? Acode  
O servente noticioso  
E conta que espatifou-se  
a vidraça da fachada  
por bola de futebol.  
(Drummond, Internet, 2009)

#### O Futebol Brasileiro Evocado na Europa

A bola não é a inimiga  
como o touro, numa corrida;  
e embora seja um utensílio

... se usa sem risco,  
não é o utensílio impessoal,  
sempre manso de gesto usual:  
é um utensílio semivivo,  
de reações próprias como bicho,  
e que como bicho, é mister  
(mais que bicho, como mulher)  
usar com malícia e atenção  
dando aos pés astúcia de mão.  
(Melo Neto, 1994, p. 407)

Poemas como estes dispensam qualquer argumento a favor das possibilidades de exploração literária do futebol. Mas estes dois clássicos, assim como os outros grandes autores brasileiros, escreveram pouco sobre o futebol, enquanto Nelson Rodrigues...

Na sua verve singular, o cronista diário, como escreve Ruy Castro na contracapa de *A pátria em chuteiras*, ãfaz do futebol um pano de fundo para o que realmente interessa: descobrir um herói entre os brasileiros (Castro, in: Rodrigues, 1994).

Buscando afirmação para a alteridade desprestigiada que era a identidade brasileira, o autor confere a este ãpano de fundo, como se referiu Ruy Castro ó para mim, ora barro, ora metáfora ó, a sua poesia peculiar; uma poesia essencialmente de drama humano, mais especificamente drama de brasileiro; então, carente da afirmação que o autor percebeu emergir da alma da nossa gente a partir das batalhas que se lhe representam, na obra, os jogos sobre os quais escreve.

Daí a freqüente alusão a fatos históricos relevantes; resgatados e cotejados com a circunstancial dramaticidade de um jogo, os ãgrandes feitos históricos da humanidade, consagrados por uma tradição que sempre inferiorizou a identidade nacional, poderiam ser igualados e até superados numa redenção legítima da nossa potencialidade, quando posta em disputa em igualdade de condições com as nações sempre tidas como superiores. Ou seja: no futebol, cuja importância já, então, nem precisava mais de reconhecimento histórico, nós podíamos ser melhores do que as nacionalidades dos heróis tradicionais.

Boas ilustrações desta idéia, no texto rodrigueano, podem ser encontradas com facilidade. Escolho esta, da crônica ãÉ hoje a batalha:



os parcácios, os bovinos imaginam: ó õO escrete é futebolõ. não sejamõs cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. Por exemplo: ó o gol contra a Inglaterra. Um lance perfeito, irretocável. Tostãõ dribleu três ingleses, Pelé enganou mais um e Jairzinho liquidou o sétimo inglês. E naquele instante Tostãõ driblava por nós, Pelé enganava por nós, Jairzinho marcava por nós. Portanto, e aqui vai o óbvio: ó o escrete realiza o brasileiro e o compensa de humilhações jamais cicatrizadas. (Rodrigues, 1994, p. 151)

Mais do que poeta, poeta e arauto das possibilidades poéticas e humanas do futebol ó algum clássico já disse que a poesia é a única prova concreta da existência humana ó, materializadas em textos cuja vontade de verdade é transmitida em tom de apelo; por um brasileiro querendo tornar óbvia nossa condição de heróis:

Mesmo na Argentina, Coutinho conheceu, a um só tempo, a treva e a apoteose. Foi o primeiro Lázaro do futebol brasileiro. Realizaram o seu enterro, e , em seguida, uma furiosa ressurreição. Derrotados, sim, são os cretinos fundamentais que saltaram em Buenos Aires querendo ver a caveira do Brasil.

Os alemães perguntam: óõComo pode perder o único time invicto, o time que teve o maior número de pontos?õ. Se tudo isso é verdade ó digo eu ó o verdadeiro campeão é o Brasil. (Rodrigues, 1994, p. 189)

Encerro este capítulo historiográfico e minha metáfora do relacionamento do futebol com a Literatura coincidindo com o fim da produção das crônicas de Nelson Rodrigues, nos fim dos anos setenta.

Assim como demorou, mas aconteceu, que o país recuperasse sua condição de campeão mundial de futebol, pode ser que a Literatura sobre futebol encontre outra ressurreição, como a de Coutinho; ou seja: outras autorias geniais, como a de Nelson Rodrigues.

### 1.8. Os inimigos do óbvio?

O futebol continua a seduzir a musa?

Desconfio de que a relação esteja numa fase difícil, e abstenho-me de comentar o que se produz atualmente de Literatura sobre futebol; chuto essa bola para a lagoa,



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

ase de Nelson Rodrigues, por não querer mais jogo, num

Fla-Flu histórico.

## 2.1. O discurso da autoria

Este é um capítulo a ser saltado por quem pensa ó como já pensei e posso voltar a pensar ó que estilo é questão de gosto e não vale a pena, ou é coisa de leitor chato, esmiuçar a construção textual de um autor.

Para quem acha que algumas observações podem ser interessantes, confesso-me um chato eventual; porém de pouca recorrência da chatice quando da leitura das crônicas estudadas para este trabalho e das demais que tenho encontrado de Nelson Rodrigues sobre futebol.

Minha proposta com este capítulo, portanto, é fazer observações sobre a lida do autor com a linguagem e sobre os efeitos resultantes, sem recorrer a especialismos lingüísticos; o que poderia ser de muita complexidade, pouca precisão e nenhuma utilidade na análise do *corpus*, aqui pensado como Literatura cuja combinação conteúdo-forma empregada pelo autor para erigir sua criação proporciona prazer estético à leitura, efeito da arte literária.

E é neste trânsito, da idéia às palavras e à sintaxe, em que se dá o mágico ou o polêmico estilo, que se dá também a origem do prazer estético, ou não, do leitor. Por isso considero a biografia de Nelson Rodrigues relevante para a compreensão da sua postura autoral na produção específica das crônicas, ou seja, a autoria por trás da fórmula usual dele; ou até mesmo fôrma, pois sabe-se da sua fluente capacidade de produção delas, o que leva a admitir a precondição estilística permanentemente condicionada para produzir.

Ruy Castro conviveu com Nelson Rodrigues e confirma a produtividade, ao mesmo tempo em que reclama a demora do reconhecimento ao estilo literário rodrigueano.

Cito-o:

Por que essa cegueira em relação à sua obra fora do teatro, quando, durante todos esses anos, uns poucos não se cansaram de repetir que ela era ainda maior do que as suas peças? Um dos motivos era o de que grande parte dessa obra foi criada em mangas de camisa, nas redações dos jornais, escrita hoje para sair amanhã. (Castro, 1993, p. 12)

Dissertar sobre a complexidade do processo de criação de Nelson Rodrigues, como certamente de todo autor, então, inclui pensar a condição de produção da autoria, conseqüentemente, a biografia do autor. E, como todo o presente trabalho se pauta na consideração da postura autoral e não na pessoa por trás dela, uma biografia esclarecedora também pode ser ó e aqui é ó pensada conforme a verificação nas crônicas de características relacionáveis com os dados conhecidos sobre o autor.

Nelas, ao se apresentar como leitor, ele revela muito do seu repertório de autores lidos, conseqüentemente influenciadores do seu estilo. Entre eles, escolho, Machado de Assis, especificamente o de *Dom Casmurro*, cuja comparação pode ser esclarecedora e ilustrativa para alguns comentários ó talvez comentários despreziosos seja o que de mais interessante e proveitoso haja em dissertar sobre estilo.

Em *Dom Casmurro*, a desconformidade da autoria com as circunstâncias narradas, a insatisfação com a moral vigente e a constante frustração com a incapacidade de determinadas personagens de pensar a si próprias e a realidade ao seu redor, aparece ó ou melhor, não aparece, precisa ser inferida ó principalmente por meio da ironia; muitas vezes, por tão magistralmente camuflada nas entrelinhas, tal ironia só é percebida por leitores sagazes.

Um leitor sagaz era Nelson Rodrigues, cujo interesse pela obra machadiana se explicita pela recorrência de alusões a ela, inclusive como uma referência para pensar o homem e a sociedade carioca do tempo em que o próprio Nelson Rodrigues ainda não criava seus próprios registros literários: õAmigos, segundo Machado de Assis, suporta-se com muita paciência a cólica alheia.ö (Rodrigues, 1994, p. 125). õEu estou imaginando o campo, as duas torcidas e os times. Mas para visualizar a partida temos de inseri-la no velho Rio, o Rio machadiano, o Rio que era uma abundante paisagem de gordas.ö (Rodrigues, 1987, p. 24)

Em Nelson Rodrigues, a desconformidade da autoria com as circunstâncias narradas, a insatisfação com a moral vigente e a constante frustração com a incapacidade de determinadas personagens em pensar a si próprias e a realidade ao seu redor é explícita. A sua ironia, na análise de conteúdo, lembra a de Machado de Assis,

as duas formas de manifestá-la, um índice da extensão das possibilidades do estilo.

Para ilustrar a extensão da diferença de estilo entre ambos, cito inicialmente um fragmento de *Dom Casmurro*:

Os projetos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na igreja. Talvez esperasse uma menina. Não disse nada a meu pai, nem antes nem depois de me dar à luz; contava fazê-lo quando eu entrasse para a escola, mas enviuvou antes disso. Viúva, senti o terror de separar-se de mim; mas era tão devota, tão temente a Deus, que buscou testemunhas da obrigação, confiando a promessa a parentes e familiares. Unicamente, para que nos separássemos o mais tarde possível, fez-me aprender em casa as primeiras letras, latim e doutrina, por aquele padre Cabral, velho amigo do tio Cosme, que ia lá jogar às noites. (Assis, 1997, ps. 31 e 32)

O critério na escolha das palavras e a na arrumação delas, em Machado de Assis, costuma receber o adjetivo de õirretocávelõ; adjetivo que, diante deste fragmento, não questiono, nem ousaria estender a Nelson Rodrigues; nem há a pretensão de comparar os estilos estabelecendo um juízo de valor aplicável a ambos. Enquanto o estilo machadiano parece tanto mais valioso quanto mais erudito for o leitor, o estilo rodrigueano nas crônicas vale pelos aspectos semânticos informais do seu texto predominantemente coloquial.

Guardada a religiosidade das posturas autorais de ambos, as abordagens citadas ilustram as diferenças estilísticas no tratar o assunto. O que é entrelinha em Machado, e pode ser considerado um breve tratado de Teologia aplicada, ilustrado com a postura religiosa de D. Glória, mãe de Bentinho, apareceria explicitado com exaltação em Nelson Rodrigues.

A propósito, apresento agora o seu estilo, no outro extremo:

E, subitamente eu compreendia o seguinte: ó não há um Deus geral, não há um Deus de todos, não há um Deus para todos. O que existe, sim, é o Deus de cada um, um Deus para cada um. Por outras palavras: ó um Deus de Carlito, um Deus do leitor, um Deus meu e assim por diante. Ao falar, com um esgar de pouco-caso, no õDeus de Carlitoõ, o meu amigo anunciava uma verdade, sem querer.

[...]

nem ouvi, durante toda a semana do jogo, um tricolor falar em r quê? Pelo seguinte: ó achamos que Deus não se interessa por futebol! Portanto, nós o excluímos das atribuições da nossa torcida. Domingo, nunca houve um clube tão sem Deus como o Fluminense. (Rodrigues, 1994, p. 37)

Aqui a religiosidade da personagem também é tratada com humor, mas com um humor explícito, escancarado; outro extremo em relação à ironia machadiana. Feliz de quem sente prazer na leitura dos dois estilos.

### 2.3. Um bêbado?

Tratando de futebol e dos mais diversos assuntos derivados dele, inclusive religião, exaltação talvez seja mesmo a palavra mais cabível ao estilo rodrigueano. O resultado, muitas vezes, é o aparente estado de embriaguez do qual muitos dos títulos das crônicas poderiam ser atribuídos como índice, tal sua informalidade e seu apelo: *Um gol cravado no peito inimigo; Fluminense coitadinho; Garrincha, passarinho apedrejado; Uma barata seca de 250 milhões; Voltamos a ser vira-latas; As vacas premiadas somos nós; Flamengo sessentão; O juiz ladrão; O quadrúpede de 28 patas; Morrendo ao pé do rádio; Somos burros, burríssimos; À sombra dos criouloes em flor; A barriga insubmersível; Ah, o primeiro clássico; Tudo é Fla-Flu, o resto é paisagem; O assassinato do sanduíche; Ai de nós; É preciso ter o épico nas entranhas.*

Os títulos e o ambiente predominante nas crônicas, conciliando a tensão peculiar ao jogo e a comicidade e/ou a dramaticidade realçadas no texto, resultam num discurso bem adjetivado no estudo de Bianca Cristina Vieira de Souza (2004). Ela fala em ãcarnavalização da linguagem:

Abolir hierarquias - tal como ocorre no carnaval - é o que Nelson Rodrigues parece fazer na literatura, na medida em que renuncia à unidade estilística e produz uma narrativa em que o sublime se funde com o vulgar. Utilizando-se de elementos do grotesco e do prosaico, Nelson transfere para o plano material tudo o que é considerado elevado. [...] Figuras míticas, lendárias, religiosas e históricas possuem um lugar especial nas crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues. Contudo, elas não se encontram num plano elevado ao modo da literatura clássica e medieval. Há, na verdade, um rebaixamento destas figuras, com o intuito primeiro de tornar o cotidiano grandioso. Não se trata de elevar o

um plano superior de retórica, mas sim de rebaixar este plano  
o cotidiano, o comum. (Souza, Internet, 2007)

Carnavalização ó apesar de se ter transformado já muito o carnaval também em mercado, ele também não perdeu sua essência ó lembra exageros, e eles são mesmo recorrentes nas crônicas de Nelson Rodrigues.

Ruy Castro registra, em *O anjo pornográfico* (1992), biografia do autor, que ele não bebia; mas seu discurso nas crônicas pode ser atribuído a uma autoria influenciada pelos efeitos etílicos. O anjo pornográfico por trás das crônicas, apesar de permanentemente sóbrio ó por tudo que sabemos dele ó é muito mais identificável com um bêbado escarnecendo o torcedor adversário num boteco qualquer do Brasil do que com os seus colegas das redações jornalísticas, ou com os seus colegas literatos.

Transferindo esta característica para o bojo da análise estilística, pode-se dizer que ela é verificável na proximidade do seu discurso escrito com uma oralidade extrovertida e provocadora.

A despeito da informalidade e do coloquialismo, e até da relevante urgência na redação, já abordada neste estudo, e embora não se possa mesmo comparar o apuro formal rodrigueano com o de certos clássicos da Literatura, seu estilo tem o mérito de representar uma alternativa entre nossos maiores escritores. Qual dentre eles usou e abusou com tamanha recorrência das redundâncias e dos excessos nas adjetivações? Estes não são aspectos tão severamente criticados e indesejáveis na Literatura?

Vejamos:

Dizer que foi *bom*, que foi *grande*, foi *sensacional* é pouco. Foi muito além de todos os adjetivos. Sua coxa aparecia forte, crispada, como a anca de um cavalo negro. A defesa do Benfica não sabia o que fazer. Pelé era uma força da natureza. Ele chovia, ventava, trovejava, relampejava. Seus passos eram límpidos, exatos, macios. (Rodrigues, 1994, p. 165; itálicos do autor)

Dois adjetivos seguidos normalmente já incomodam os adeptos do estilo enxuto metaforizado, o qual evidentemente, quando bem elaborado, tem seu valor; mas como negar o valor do estilo rodrigueano com seus recorrentes três adjetivos consecutivos?

A exigência da absoluta correção no uso da norma padrão da língua também não pode ser característica do apreciador do texto rodrigueano. Mas para quem se permite conduzir pelo ritmo e pelo ambiente textual das crônicas, os deslizes ó como saber se

...nunca comprometedores das funções regulamentares da comunicação escrita, se diluem facilmente. Um exemplo: ãSe o Flamengo tivesse ganho, a rivalidade morreria ali, de estalo. Mas a vitória tricolor gravou-se na carne e na alma flamengas.ö (Rodrigues, 1987, p. 24)

#### 2.4. Epopéia informal

Apreciador declarado das grandes epopéias, como se verifica no último dos títulos citados anteriormente, o autor das crônicas era também um épico; porém, o épico do futebol para o futebol, o que não exigia nem permitia o mesmo estilo erudito dos seus épicos, e isto permite o paradoxo de se o considerar o grande arauto da epopéia futebolística brasileira, no entanto, desprovido das formalidades literárias tradicionais na transmissão das emoções do futebol para a Literatura.

Ele sabia disso?

Começo aqui a minha grave função homérica. Minha memória é um chão todo juncado de clássicos e peladas fenecidos. Antes, porém, de exumar os velhos jogos, preciso explicar toda a minha dramática relação com o Fluminense.

[...]

E não sei quantos tricolores saíram para fundar o Famengo. Hoje, nos grandes jogos, o Estádio Mário Filho é inundado pela multidão rubro-negra. O Flamengo tornou-se uma força da natureza e, repito, o Flamengo venta, chove, troveja, relampeja. (Rodrigues, 1987, p. 11)

Ainda sobre a coloquialidade predominante no texto, é curioso verificar o efeito de aproximação com o leitor, propiciado pelo permanente ó e permanentemente explícito ó tom de diálogo. Daí uma explicação para tantas crônicas se iniciarem com a saudação ãamigosö, e para a recorrência de sinalização de discurso direto em assertivas, merecedoras de maior atenção no texto, já todo construído em tom de discurso direto, como se o autor estivesse falando a um ouvinte e, sempre antes de uma afirmação considerada de maior importância, mudasse o tom da fala, como que recomendando maior atenção:



santa verdade é a seguinte: ó qualquer jogador brasileiro, desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: ó temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de òcomplexo de vira-latasö. Estou a imaginar o espanto do leitor: ó òo que vem a ser isso?ö Eu explico. [...]

Eu vos digo: ó o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. [...] Insisto: ó para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão. (Rodrigues, 1994, p. 52)

Todo o conjunto das crônicas é uma epopéia do futebol narrada em prosa informal para atingir mais intimamente a sentimentalidade dos interlocutores, a gente brasileira, então carente mesmo de estímulos para exteriorizar nossa condição de heróis.

## FUTEBOL

### 3.1 Quem é o autor?

Depois da superficialidade do capítulo introdutório e da atenção a formalidades e informalidades artísticas no capítulo anterior, é hora de começar a justificar o sub-título deste trabalho e abordar os aspectos relevantes da postura autoral rodrigueana na construção de um universo literário que tem como matéria-prima o universo do futebol. A leitura das crônicas, além do inquestionável prazer estético, provoca conscientes e inconscientes assimilações de conceitos e razões no leitor.

Consideremos, inicialmente, que o Nelson Rodrigues cronista de futebol não é um escritor permanentemente engajado em questões ideológicas. No entanto, algumas destas questões são recorrentes ó aspecto inevitável numa obra da dimensão das crônicas naquela época ó, o que sugere a necessidade de um afastamento de foco, em relação ao capítulo anterior, para uma observação mais apurada da inteligência por trás da obra como produtora e reprodutora de verdades a partir das vivências pessoais no já então badalado meio futebolístico.

### 3.2. A intimidade do beijo (no campo)

O que representa o beijo ó do título ó, além da alusão a *O beijo no asfalto*? Pergunto e já começo a responder com outra pergunta: o que representa um beijo numa relação? Na metáfora do primeiro capítulo, considero os outros autores que trataram do futebol na produção literária como enamorados do esporte; como se enamoram de uma musa vários pretendentes. O primeiro a beijá-la estabelece uma diferença decisiva no relacionamento. Estabelece a intimidade proporcionada pelo beijo.

Num ensaio sobre este inusitado hábito humano, publicado na revista *Super Interessante*, Tatiana Bonumá dialoga com registros históricos e com estudiosos das implicações biológicas e psicológicas do beijo, e afirma: ãA idéia de que um beijo possa transformar pessoas, criar a atmosfera perfeita entre amantes e despertar anseios

ética e romântica. Mas alguém aí duvida desse poder? (Bonumá, 2002, p. 71). Antes, citara Sigmund Freud e sua teoria de que a boca é a primeira parte do corpo que usamos para descobrir o mundo e saciar nossas necessidades. Para o pai da psicanálise, o beijo era, conseqüentemente, o caminho natural para a iniciação sexual. Reproduzindo o pensamento dele em *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, abalizo minha metáfora: ôtocar os lábios nos envolveria no perigoso fascínio de se misturar com outro (Freud, apud Bonumá, 2002, p. 71)

As crônicas são mesmo um documento da intimidade com que se passou a tratar o assunto futebol na Literatura. Depois delas, o esporte, na pena do próprio Nelson Rodrigues e de muitos outros, ganhou definitivamente *status* de matéria-prima à altura da possibilidade de reflexão proporcionada pelo universo do futebol também enquanto campo de abordagens filosóficas, sociológicas e políticas.

Uma pesquisa aprofundada ó não pretendida, aqui ó poderia apurar se a intimidade do homem Nelson Rodrigues com o universo da bola foi também tão mais acentuada do que a de seus antecessores, como parecem sugerir as afirmações de Marcelo Rollemberg:

Ao longo de quase quatro décadas, de meados da década de 40 até 1980, quando morreu aos 68 anos, Nelson escreveu sobre futebol com um prazer quase juvenil, colocando nas nuvens os craques e os escretes que o faziam vibrar e condenando ao purgatório aquilo do qual discordava. Exagerado por natureza, *over* em tudo que fazia e sentia, foi no futebol que Nelson encontrou a maneira de se expressar e de se juntar à massa. [...] Mas um dos maiores méritos de Nelson Rodrigues foi levar a literatura para dentro do campo, popularizá-la [...]. (Rollemberg, 1998, p. 58)

Mas interessa mais pensar a postura autoral inferível nas crônicas. A do responsável pelo ôbeijoô que contribuiu para popularizar a Literatura e legitimar o futebol como cultura. Interessa pensar a postura exaltada na lida textual com a mistura Literatura/futebol; a ética e a estética do autor apaixonado, transmitindo sua sentimentalidade; a euforia nas vitórias do Fluminense e, mais ainda, nas da seleção, ou o cinismo, quando não a fúria, nas derrotas:

Todos nós temos o fanatismo da disciplina, mas creiam: ó é um fanatismo suspeito ou, como diria o outro, de araque. A disciplina foi feita para o soldadinho de chumbo e não para o homem. E o futebol tem de ser

porque é jogado pelo pobre ser humano. A grandeza de um de uma pelada está em que fornece uma imagem fidedigna do homem. Assim somos todos nós. (Rodrigues, 1987, p. 175)

Entender e localizar politicamente esta postura autoral, representada pela assinatura Nelson Rodrigues, em sua relação com o universo imediato da sua criação, o futebol, e com o seu contemporâneo contexto histórico nacional, com alguma orientação biográfica esclarecedora, e pensar a relevância da sua produção, são a propulsão deste capítulo.

O texto das crônicas é *corpus* motivador do interesse em esmiuçar uma obra já distante da situação atual do futebol e do *status quo* social da época da sua produção, porém salva de anacronismo se enfocada como manifestação artística resultante de uma atividade cultural que continua relevante na vida social do país; motivador por se poder esmiuçá-la atentando também para a sagacidade da autoria em tratar um assunto de interesse político esquivando-se de radicalismo no posicionamento ideológico em nome da exploração do potencial estético ó afinal, foi por causa da estética que as crônicas fizeram e continuam fazendo sucesso ó que o artista quis exaltar no futebol.

### 3.3. *Cøest fini*

A literatura sobre futebol de Nelson Rodrigues é diferenciada, e é bom ponto de partida, para explorá-la, começar a entender o que possa haver de subjetivado no foco e nas abordagens das crônicas em relação a um olhar objetivado.

O esporte é objetivo para quem vê: dois grupos de jogadores têm o propósito claro de conquistar o território adversário a ponto de fazer a bola de jogo atravessar-lhe a linha de gol. Transformar em texto as nuances dessa aparente objetividade, prescindindo de intencional e vivaz subjetividade na construção textual, acreditando ser a semântica gramatical capaz de transmitir o jogo ao texto e no texto, é assumir a postura à qual ele aludia recorrentemente nas crônicas com a expressão ôdiota da objetividadeô.

Dá para ficar conjeturando o porquê de, trinta anos depois da sua morte, não termos um cronista nem parecido. Lendo crônicas atuais, de variados assuntos, lamento a mudança de estilo do texto jornalístico no Brasil, saindo do estilo romântico, derivado

texto objetivo, trazido dos Estados Unidos junto com aqueles carros, refrigerantes, música etc., justamente quando se formavam as nossas atuais gerações de cronistas.

Edward Pimenta publicou, na revista *Bravo*, o ensaio *Por que não temos mais um cronista como Nelson Rodrigues?*, pergunta para a qual enumerou algumas razões, mas não se lembrou da crucial: a mudança do estilo jornalístico no Brasil; apesar de ter ó talvez por falta mesmo de pensar o jornal como o principal canal de publicação das crônicas e da evidente influência deste meio na produção delas ó considerado a genialidade do autor como ocorrência rara, verdade também inclusa nos motivos pelos quais não temos mais um cronista como ele:

Por enquanto, embora inúmeros talentos do jornalismo e do teatro tenham surgido, nenhum deles suplantou o artista múltiplo que foi Nelson Rodrigues. Na história do pensamento brasileiro, Nelson já foi pulha, já foi santo. Mas, como ele escreveu certa vez, ão gênio, não sei por quê, é mais difícil do que o santo ou o pulhaö. (Pimenta, 2007, p. 35)

Sem a pretensão de estabelecer um valor maior ó apesar de, pessoalmente, achar maior ó à linguagem jornalística da época da formação do jornalista Nelson Rodrigues, só lamento mesmo não termos mais um cronista como ele; assim como lamento não ter prazer, proporcionado pela estética, em ler quase nada dos textos nos jornais atuais, com algumas raras exceções sempre propiciadas pelos textos de literatos.

Com o estilo jornalístico adotado por ser considerado objetivo, os redatores atuais normalmente buscam ou fingem buscar um afastamento ou neutralidade do assunto de que tratam, e assim se perde a identidade da inteligência humana por trás do texto, se perde a sensação do diálogo com quem escreve; como nenhum estilo elaborado é oferecido, e a informação pretensamente clara e objetiva não chega a ser confiável, o prazer da leitura do jornal fica restrito a alguma boa crônica ou outra reprodução de texto de literatura.

Folheando edições fac-similadas do meu conterrâneo jornal *Mercúrio*, dos anos vinte, percebo que, mesmo numa cidade do interior de Minas Gerais (Cataguases), a diferença é grande em relação ao jornalismo que se faz hoje na minha cidade também.

Consta-nos que alguns comerciantes desta praça, a despeito da nova lei que determina o encerramento das portas de suas casas commerciaes, ás 7

e, continuam a vender depois das mesmas trancadas, do desta forma, os direitos dos seus empregados, os quaes, sabidamente, devem gozar do objetivo que determinou, mais fortemente, a promulgação da nova lei, ora em vigor.

[...] Diz-se até, que certos commerciantes alegam ser bastante aos moços estudantes da escola, irem para a aula ás 8 horas, o que parece um contracenso, em vista da creação da lei visando mesmo, que lhes sobre maior tempo, em benefício de seus estudos. (César, 1926, p. 1)

Guilhermino César, autor do texto citado, ex-futuro integrante do Grupo Verde ó grupo de jovens cataguasenses que produziu literatura modernista em diálogo com a fase heróica do movimento ó, talvez não tenha sido um gênio, mas seu texto também provoca saudade do estilo jornalístico que não existe mais. Estilo muito próximo do de Nelson Rodrigues, que consta também ter começado a publicar textos tratando de ocorrências reais.

Mesmo considerando o Nelson Rodrigues cronista de futebol um autor à parte em relação aos demais gêneros em que produziu, não há como desconsiderar a influência da sua vivência em redações de jornais na produção das crônicas; e aqui se devem incluir as crônicas de *A vida como ela é*, nas quais o processo de distanciamento entre a ficção criada e os fatos ocorridos foi gradual, portanto, didático para o autor das crônicas de futebol, já iniciado no fazer Literatura a partir da realidade, conforme demonstra Beatriz Polidori, na sua dissertação de mestrado, disponibilizada na Internet:

Quando a coluna *A vida como ela é* foi criada os contos tinham correspondência em acontecimentos reais e saíam junto à seção de crimes do vespertino [*Última Hora*], trazendo nome e foto dos envolvidos. Em poucos dias as histórias perderam esse caráter de verdade, dando maior liberdade ao escritor, que passou a inventá-las. Com o tempo aconteceram outras mudanças, as histórias deixaram de ser trágicas para se tornarem cômicas, o que provavelmente ocasionou a mudança de lugar da coluna no jornal. (Polidori, Internet, 2008)

Josefina de Fátima Tranquilin Silva também publicou na Internet uma comunicação argumentando sobre uma identidade rodrigueana, influenciada pelo jornalismo, verificável em toda a sua produção, extrapolando as características de cada gênero e recorrendo aos temas mais freqüentes da época da sua formação, principalmente nos jornais de seu pai: ãA linguagem e os temas como amor, adultério e morte veiculados pelas reportagens policiais são também elementos que contribuem

e os diferentes componentes da produção rodrigueana ó crônica, folhetim e teatro. (Tranquilim, Internet, 2007)

### 3.4. Um malandro carioca

O Nelson Rodrigues iniciante provavelmente já podia ser considerado genial e logo seus chefes lhe concederam a liberdade de criar suas próprias realidades, fator certamente muito produtivo para a formação do escritor que, como cronista de futebol, voltaria a criar a partir de fatos ocorridos; para ele, ter sido colunista de ocorrências sociais e, posteriormente, ter obtido liberdade para criar suas próprias histórias, é fator relevante no pensar o amadurecimento do jornalista até culminar na postura autoral das crônicas analisadas aqui.

Nelas, como nas primeiras experiências no jornal, ele transformou pessoas em personagens e fatos em enredos. Criando Literatura nessas condições, fixou seu lugar como cronista de futebol, e concebeu textos cuja responsabilidade com os envolvidos, personagens e leitores, era obrigatoriamente maior.

Atentando para a postura ética diante dos aspectos políticos mais recorrentes nas crônicas de futebol, a leitura atenta pode flagrar a autoria, num devaneio saudosista, a legitimar o poder constituído como se ele devesse mesmo ser respeitado.

O fragmento a seguir é de 1969:

Ah, o brasileiro de 1919 tinha uma estrutura muito mais doce. E era outro o Brasil. Um turista que por aqui passasse, havia de anotar no seu caderninho: ó ãIsso aqui é a pátria do fraque.õ Mas eis o que importa destacar: ó naquela época, um Presidente da República podia ir a um campo de futebol, ver um Flamengo e Fluminense.

Aí está o feio e negro abismo cavado entre as duas épocas: ó em 1919, quando Eptácio Pessoa apareceu na tribuna de honra, a multidão bateu palmas, de pé: hoje o Poder não pode entrar no ex-Maracanã, agora Mario Filho. (Rodrigues, 1997, p. 42)

A submissão, ou, no mínimo, a abstenção do protesto no trato com o obscuro poder político do país no seu tempo, no entanto, não é suficiente para comprometer ideologicamente o teor das crônicas. Há muito mais aspectos louváveis do que condenáveis nelas sob o ponto de vista ideológico. E não há meios para se acreditar que,

mais poderosos do país, donos do poder e das mídias em que as crônicas eram vinculadas, ele pudesse fazê-las chegar à imensa massa de seus leitores sem um mínimo de submissão explícita.

Aquém e além da autoria, neste caso, deve-se pensar o artista como um profissional negociando sua arte para viver; e até mesmo para sobreviver, considerando a perversidade da ditadura à época. No próximo capítulo, talvez õmatemosõ o autor para verificar o quanto de benefícios se pôde e pode apreender das crônicas, que tinham como canal de veiculação revistas e, a maioria, jornais de grande circulação.

Elas são excelentes pontos de partida para se pensar questões especificamente éticas, ou seja, para se explorar o seu conteúdo como ideologia, ou, como as consideraria o crítico Edward Said, õobras de culturaõ, para além da condição de arte.

Como estas reflexões extrapolam o interesse em entender e localizar a autoria, elas ficam para o próximo capítulo.

### **3.5. Uma metafísica popular**

õMeus senhores e minhas senhoras, eu sou pó-de-arroz nato e hereditárioõ (Rodrigues, 1997, p. 139); õA imaginação está sempre muito mais próxima das essênciasõ (Idem, 1994, p. 90), escreveu ele, já cronista de futebol para jornal.

Com frases marcantes como essas, que intensificam o discurso e sinalizam a identidade da autoria, ele não só se mostra desobrigado de tentar transmitir o futebol como algo objetivo que culmina nos números do jogo, como se mostra desobrigado de acatar a aparente objetividade aludida nos mesmos números.

Enquanto seu futebol é altamente subjetivo, o futebol foi e segue sendo visto pelos literatos e por todos estando quase sempre despercebida a importância da subjetividade, e merecido pouca atenção a sua principal característica, só valorizada convenientemente pela singular autoria rodrigueana: a metafísica.

Há, sem dúvida, interessantes textos em prosa de outros autores, mas a postura transmitida neles é a de um olhar coletivo por trás do foco, como se todo leitor já tivesse assistido a tudo ou pudesse imaginar tudo acontecendo naturalmente; como se o texto fosse a reprodução de uma realidade absoluta ou, no caso das narrativas de criação,



verossimilhança imaginável coletivamente.

O texto de Nelson Rodrigues parece ter sido produzido à luz de filósofos atuais, como Villen Flüsser (2007), para quem tanto as crônicas quanto a reprodução em vídeo dos jogos abordados nelas são formas de ficções.

Com a frase da imaginação mais próxima das essências, e com a confirmação desta idéia na sua produção, através da materialização em texto de uma ficção muito identificável com a emoção peculiar ao futebol, ele participava de uma espécie de estetização contemporânea da idéia platônica das essências imaginárias.

Talvez um pouco por enxergar mal ó quem enxerga mal, costuma se aproximar ó mas, principalmente, por enxergar o futebol a partir de um olhar poético, o cronista carioca tenha alcançado a postura autoral suficientemente íntima com o universo do esporte para produzir, a partir dele, um universo ficcional singular mesmo na Literatura.

Ainda que a ocorrência empiricamente verificável do jogo seja também considerada ficção, esta ficção resulta em verdades ricas de argumentos, como a verdade rodrigueana; embora esta nem sempre sujeita à mesma comprobabilidade empírica das ocorrências da òficçãoõ original.

Como se trata de Literatura, fica valendo o crédito de autor e leitor; acreditar na ficção literária é atributo dos bons escritores, e tende a contagiar os leitores ó Jorge Luís Borges, leitor e escritor dos bons, dizia acreditar no herói Dom Quixote.

Os heróis das crônicas de Nelson Rodrigues têm aspectos humanos tão complexos quanto é complexa a sua missão de jogadores-ídolos; responsáveis pelos feitos a ser exaltados como afirmação da identidade brasileira, eles precisavam incorporar todas as nossas qualidades e defeitos e tirar da nossa auto-estima o complexo de inferioridade. A autoria acreditava neles, como fica claro no fragmento a seguir:

A pura, a santa verdade é a seguinte: ó qualquer jogador brasileiro quando se desamarra das suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improviso, de invenção. Em suma: ó temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de òcomplexo de vira-latasö (Rodrigues, 1994, p. 52)

Acreditar na brasilidade dos jogadores e na transcendentalidade dos seus atos é outra peculiaridade do texto rodrigueano. No seu universo ficcional, o jogador brasileiro

brasileiro moderno e ao mesmo tempo pós-moderno, como leu, nas crônicas, Bianca Cristina Vieira de Souza: aventureiro, cuja imagem em ação é a do improvisador, apesar da condição de tensão coletiva do jogo. Ela propõe uma interessante leitura damattiana das crônicas de futebol de Nelson Rodrigues:

Quando fazem alusão ao jeitinho brasileiro, Nelson Rodrigues e Roberto DaMatta partem de uma concepção de modernidade mais aventureira e adepta do improviso. Sendo assim, não é desprovido de sentido afirmar que o jeitinho brasileiro assemelha-se à experiência da *aventura*, narrada por George Simmel (1971). Uma aventura simmeliana é, de certa forma, o que acontece em alguns momentos de um jogo de futebol, em que tanto os jogadores quanto os torcedores vivem algo descolado do cotidiano. Neste sentido, mesmo que a modernidade seja niveladora, há a possibilidade de emergir singularidades que proporcionam ao todo uma nova forma de pensar sobre o mundo. (Souza, Internet, 2007)

É nesse herói, capaz de emergir e quebrar a monotonia, como Didi, Pelé, Garrincha e muitos outros jogadores usados como matéria-prima para seus personagens, que a autoria acredita. É ele a quem o Nelson Rodrigues das crônicas promove como herói nacional. Daí ó da visceral e transcendental humanidade dos seus jogadores-heróis ó, a importância da sistematização de uma estética metafísica à altura da valorização das subjetividades das personagens propulsoras da sua pena.

### 3.6. Pelo buraco da fechadura

Desconsiderada a inexorável exploração da condição passional do esporte por políticas e políticos, o futebol de Nelson Rodrigues explora a condição de ser passional dos seus heróis e o conseqüente potencial de teatro épico, cômico ou trágico a ser realçado no jogo ó convém esclarecer que a dramaticidade, aqui, não tem relação pensada com a produção teatral do autor, não considerada neste estudo.

Enquanto todos atentavam para os fatos, o cronista parecia vasculhar a intimidade dos seus personagens através do buraco da fechadura:

A torcida, a imprensa e o rádio dão importância a pequenos e miseráveis acidentes. Por exemplo: ó uma rele distensão muscular desencadeia manchetes. Mas nenhum jornal ou locutor jamais se ocuparia de uma dor de cotovelo que viesse acometer um jogador e incapacitá-lo de tirar um

nesso lateral. Vejam vocês: há uma briosa e diligente equipe e abrange desde uma coriza ordinaríssima até uma tuberculose bilateral. Só não existe um especialista para resguardar a lancinante fragilidade psíquica dos times. Em conseqüência, o jogador brasileiro é sempre um ser em crise. (Rodrigues, 1993, p. 25)

Quando escreveu ão jogador brasileiro é sempre um ser em criseõ a autoria parecia professar a permanência desta condição e recomendar aos atuais escribas do futebol uma atenção especial a este aspecto da prática do esporte nos nossos maiores nomes nele, hoje; mas, diante de tanta crise mal abordadas da vida dos craques atuais, só mesmo um Nelson Rodrigues poderia ter algo realmente interessante a destacar e conseqüentemente conceberia o máximo de literatura que isto poderia render.

### 3.7. O gênio descontraído

A informalidade, usual na linguagem do autor também nos outros gêneros, porém mais latente no discurso das crônicas, cria um ambiente textual propício para transformar futebol em Literatura. Nelas, Nelson Rodrigues é um artista da palavra falando para amigos; muitas vezes, como já afirmei, com a verve de um bêbado.

Daí a popularidade das crônicas? Considerando a possibilidade de um bêbado dominar a linguagem escrita, ter sensibilidade para enxergar o óbvio ululante no futebol e criatividade para transformá-lo em Literatura de qualidade, dá até para acrescentar um proposital direcionamento do texto para o leitor popular, e quase se tem uma receita da popularidade das crônicas.

Mas como popularidade não é ó e, tomara que nunca seja ó tudo em literatura, o valor das crônicas vai muito além do clima carnavalesco predominante na maioria delas.

Nelson Rodrigues escrevia submetido à necessidade de aceitação do jornal em que seria publicado ó aceitação medida em vendagem ó, e achou a forma, ou a fórmula, de conceber um discurso acessível ao grande público interessado por futebol, sem se privar do uso da sua intelectualidade de leitor; e sem ser nem parecer um populista mercenário, ou um esnobe.

O futebol coexistia na sua obra com diversos outros assuntos culturais e artísticos. E quando lhe ocorria uma relação entre o esporte e algo alheio ao presumido

antes ao leitor das suas crônicas, ele usava a fórmula: *ÔAmigos*, não sei se vocês leram o romance *Beau Geste*, ou viram o filme *Beau Geste*. Se não leram nem viram, vamos lá. Não vou contar a história toda. O que interessa, para efeito desta crônica, é apenas um episódio (Rodrigues, 1993, p. 139).

Há que se ressaltar de novo a saudação inicial (*Ôamigos*) de muitas das crônicas. Mas sigamos o raciocínio da fórmula de abordar assuntos de domínio de intelectuais letrados no texto, sem prejuízo do nível do discurso; é claro o conhecimento do autor do perfil da maioria dos seus leitores: sabendo que eles não tinham lido o romance ou visto o filme em questão, ele se dispõe a contar a parte da história necessária ao desenvolvimento do seu texto. Com esta postura, transmite, no intertexto resultante da aproximação entre o erudito e o popular, a possibilidade de diálogo entre as culturas distintas.

Sem perder beleza estética, acena com a desmitificação da necessidade de uma erudição apurada para o contato com certas obras de arte, como se dissesse, nas entrelinhas da crônica: *ÔAmigo*, você pode ler esse romance ou ver esse filme. Satisfaz-se o leitor desconhecedor do assunto até então e não se decepciona o possível conhecedor das obras citadas.

Infelizmente não é raro encontrar escritores adeptos ao avesso deste procedimento; os quais preferem sempre citar assuntos e obras presumidamente desconhecidas do seu leitor e não estabelecer a aproximação cabível. Nestes casos, cabe ao leitor superestimar a *Ôintelectualidade* falsa do autor e subestimar-se, ou ó o que certamente faria o leitor de Nelson Rodrigues ó seguir ignorando o assunto e distanciar-se do autor.

Todas as experiências vividas, somadas às leituras, se revelam no Nelson Rodrigues das crônicas de futebol, mas este *corpus* específico provoca, na sua produção, repito, traços distintos dos demais gêneros.

Além do ambiente mais informal, nelas os fatos seguiram sempre como propulsores da criação; entretanto seguiu sempre importando mais a ficcionalização concebida a partir da ótica do autor do que o desencadear dos fatos como efetivamente ocorridos e informados.

Só assim, com o olhar atento aos fatos e mais atento ao subjetivo e metafísico, ele podia narrar, como nesta citação, uma cobrança de um pênalti:

que Dida teve uma lembrança maléfica e mesmo diabólica. Bola na marca fatídica. Dida aproxima-se, ajoelha-se, baixa o rosto e vai fazer o que nem todos, na afobação, percebem. Para muitos, ele estaria rezando o couro. Mas eis, na verdade, o que acontecia: Dida estava cuspidando na bola. Apenas isso e nada mais.

Objetará alguém que este é um detalhe anti-higiênico e que não devia ser inserido numa crônica. Mas eu vos direi que, antes de Canto do Rio x Flamengo, já dizia aquele personagem shakespeariano que há mais coisas no céu e na terra do que sonha nossa vã filosofia.

[...] E ninguém desconfiou que o fator decisivo do triunfo fora, talvez, a cusparada metafísica de Dida, que ungiu a bola e a desviou, na hora H. (Rodrigues, 1994, p. 32)

A metafísica no sentido de ocorrência estranha às possibilidades de explicação científica, como a da cusparada de Dida, recorre nas crônicas como um artifício literário comparável a um enfeite mágico, um brinquito, um índice da descontração da autoria. Um achado que rendeu até personagens, como o seu alter-ego Profeta e o maléfico Sobrenatural de Almeida, além da suspeita Grã-fina das narinas de cadáver.

Qualquer aparição do Sobrenatural de Almeida confirma a descontração da autoria e dispensa mais comentários. Apresento esta:

Podia gostar de um clube. Não. Quer ver a caveira de todos. No momento, derrama seus malefícios sobre o Flamengo e sobre o Botafogo. O rubro-negro apanhou de 4 x 0 e o Botafogo de 4 x 1 no penúltimo jogo do alvinegro, o Armando Marques marcou um pênalti fantástico. Não houve nada, absolutamente nada. Mas o Sobrenatural de Almeida soprou no ouvido do árbitro: ó òPênalti, pênalti!ö. Armando foi na conversa e apitou a penalidade máxima. (Ibidem, p. 139)

Sobre a outra metafísica, a dos sentimentos latentes no ambiente do futebol e permanente nas crônicas, há mais comentários no último capítulo desta dissertação.

### 3.8. Receita autoral

É no intermédio entre o ocorrido e o expresso no texto que entra o acervo de conhecimentos, tanto da erudita formatação das experiências humanas nas obras consagradas da história, da Literatura, do cinema etc, como da formatação das experiências humanas mais populares, principalmente das ruas do Rio.

Nelson Rodrigues cronista de futebol houvesse ó e, pelo conteúdo das crônicas, havia mesmo ó, uma gama de personagens concebidos a partir de diversas alteridades ansiando por se representar publicamente.

A resultante poligrafia do discurso, harmonizada e sintonizada com o público leitor, indica a vivência do autor nas redações de jornais e atesta o sucesso da sua estética textual; a observação imediata e diária da aceitação da sua prosa era indicador fiel na obtenção da melhor fórmula possível do discurso das crônicas.

Isto não equivale a dizer que a autoria se fez apenas a partir de seus leitores; observar atentamente a recepção do texto é também característica interessante de um autor, mas não seria suficiente para que eu, por exemplo, o estivesse lendo e estudando.

Trabalhar os ingredientes vários para a obtenção da fluência com que concebe as crônicas é mérito do artista Nelson Rodrigues. E a identidade de criador, materializada nelas, é de uma complexidade paradoxal, se relacionada à simplicidade semântica do discurso.

O fragmento a seguir, da crônica *Bandeirinha-artilheiro* ilustra muito do que já foi comentado até aqui: *“Dizem que a bola bateu, simplesmente bateu, no fabuloso bandeirinha. Amigos, sejamos mais líricos e menos objetivos. Vamos admitir que o -Caixa Econômicaø deu um passe que caiu como uma luva, ou melhor, como uma meia no pé de Henriqueö (Rodrigues, 1994, p. 78).*

A identidade õmais lírica e menos objetivaö se mostra em prosa simples. O uso de uma expressão estranha ao contexto (õCaixa Econômicaö) não precisa explicações para a harmonia do discurso, mas é exemplo da sagacidade em explorar o inusitado no apelido de um personagem do seu texto-espetáculo; a condição de insatisfeito com a derrota do seu Fluminense, em tom de cinismo, é atribuída à participação do bandeirinha, considerada na mesma crônica como õsobrenaturalö, em tom de brincadeira, para transcendentalizar ainda mais o seu universo ficcional, a sua verdade.

### **3.9. O épico do futebol para o futebol**

A condição de artista consagrado, reforçada pela influência da sua presença num programa de televisão em horário nobre, para debater futebol, talvez tenha sido útil em

crônicas, a autoria brincar com as palavras, explorando possibilidades de ultraje dos seus sentidos, como nesse *õsobrenaturalö*, em que o autor se mostra mesmo um carnavalesco em seu discurso, carregando-o de uma atmosfera sempre formalizada em tom poético, porém sem limitar este discurso ao superficialismo em que uma leitura meramente estética pode resultar.

Ele alcança, nas suas crônicas, escritas em qualquer tempo ou hora, pelo homem de suspensórios que fuma como um louco e bate suas matérias com dois dedos, numa velha máquina de escrever, o que se pode chamar de o prazer absoluto do texto, a frase que é sempre literária. (Faerman, 1998, p. 50)

Com os *õdois dedosö*, convocava poetas consagrados de gerações passadas e lamentava com recorrência não haver um deles por perto para registrar algumas passagens do universo do futebol em versos como os de Camões, Homero, Bilac ou Dante.

E é pena. Outrora, cada acontecimento tinha um Homero à mão, ou um Camões, ou um Dante. Recheado de poesia, entupido de rimas, o fato adquiria uma dimensão nova e emocionante. Ora, faltou justamente, à vitória gaúcha, o seu poeta. Os correspondentes brasileiros, que estavam no México, deviam mandar, de lá, telegramas rimados, ungidos de histerismo cívico. Mas como estamos em crise de Bilacs, o fabuloso triunfo só inspirou mesmo uma pífia correspondência, que nos enche de humilhação patriótica e vergonha profissional. (Rodrigues, 1994, p. 11)

Sem um épico à mão, o Nelson Rodrigues cronista de futebol tratava, ele próprio, com os dois dedos, ou fosse lá como fosse, de ornar o fato com a sua desejada dimensão nova e emocionante.

Amigos, estamos atolados na mais brutal euforia. Ontem, quando rompia a primeira estrela da tarde, o Brasil era proclamado bi-campeão do mundo. Foi um título que o escrete arrancou de suas rútilas entranhas. E, a partir da vitória, sumiram os imbecis, e repito: *ó* não há mais idiotas nesta terra. Súbito o brasileiro, do pé rapado ao grã-fino, do presidente ao contínuo, o brasileiro, dizia eu, assume uma dimensão inesperada e gigantesca. O bêbado tombado na sarjeta, com a cara enfiada no ralo, também é rei. Somos 75 milhões de reis. (Ibidem, p. 92)



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

se refere Edward Pimenta como um dos motivos porque não temos mais um cronista como ele: na verdade, a visão poética dos fatos, que, materializada em texto com todas as outras características do seu discurso, resultava nos textos exemplares do gênero das crônicas, no qual parece mesmo ter sido nosso autor mais exaltado.



#### 4.1. Intelectualidade e jornal

Este capítulo, certamente o mais importante da dissertação, é uma análise de um inferível teor ideológico nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues. E o objetivo principal da abordagem, cujo *corpus* literário são os textos de 180 das crônicas, é analisar e dialogar com a postura autoral rodrigueana e com outras posturas ideológicas sobre temas recorrentes nelas, observando a exaltação de alteridades como uma característica permanente em todos os temas analisados; assim como exaltar alteridades é permanente no futebol, que sempre consagrou pobres, analfabetos, negros, brasileiros e apaixonados.

As crônicas foram publicadas principalmente em jornais; portanto, pensar este canal de apresentação da obra é uma das necessidades primeiras para a condução da análise, do ponto de vista ideológico, da representação ficcional do universo do futebol como universo de humanidades.

Outra necessidade para a análise e o diálogo, propostos aqui, é o esclarecimento do conceito de intelectualidade no qual se enquadra o Nelson Rodrigues das crônicas: um intelectual capaz de dialogar, em discurso literário, com culturas eruditas e populares; um pensador propenso a trocas simbólicas e, simultaneamente, personagem no meio em que se ambientam as crônicas: ãAmigos, eu estava a três ou quatro metros e confesso: ó vibreiö (Rodrigues, 1994, p. 106).

Considerando a atuação deste intelectual no espaço público, mais especificamente, no jornal, como condição primária para a seqüência da análise, dialogo com o ensaio *Marx, o jornalismo, o espaço público*, de Géraldine Mulhmann. O texto do ensaio é resultante da participação da autora no ciclo de conferências *O silêncio dos intelectuais*, e foi publicado no livro homônimo (2006).

A trajetória de Karl Marx no jornal e sua postura de pensador deste canal são esclarecedoras, apesar de a autora do ensaio não ter considerado a situação pessoal dele enquanto homem de jornal; sabe-se das dificuldades financeiras constantes na vida de Marx ó como na de Nelson Rodrigues ó e, considerando a necessidade de trabalhar para sustentar a si e a família, acreditar que ele se negaria a manifestar suas idéias em jornal

... para sua postura de intelectual diante da sua realidade mais imediata; ou, considerando o descrédito do filósofo com o jornal em certa altura de sua vida de pensador, ele teria agido acertadamente se negando a atuar neste espaço público?

A resposta tem pouca importância se considerarmos, como sugere Geraldine Mulhmann, que ele nunca se redimiou por ter atuado em jornais e ainda lançou, em livro, vários artigos da época de sua juventude nos quais argumentava a favor da liberdade de imprensa.

Convém notar que a ideologia não é apenas um problema que diz respeito à *expressão* das idéias (estando as idéias dominadas impedidas de expressão, em razão de uma dominação que se exerce sobre os meios de difusão). É também, e talvez antes de tudo, um problema que diz respeito à *elaboração* mesma das idéias: as grades de leitura da classe dominante se imprimem nos espíritos, inclusive dos dominados, e bloqueia a existência de idéias que sejam perigosas para essa classe. (...) O gênio de Marx é o de ter lançado a suspeita sobre aquilo em que os intelectuais crêem por natureza: sua liberdade de pensamento. (Mulhmann, 2006, p. 126)

Depois de perceber que o espaço físico, e, especificamente, o jornal, era mero instrumento a serviço da ideologia das classes dominantes e que as ascensões e decadências de classes dentro da estrutura social não alterava essa estrutura a ponto de estabelecer, de fato, uma igualdade no direito de expressão das alteridades, Marx desenvolveu a idéia de uma classe única de proletários com força suficiente para interferir na estrutura vigente, idéia que atraiu a atenção de George Lukács.

George Lukács, sobretudo em *História e consciência de classe*, afirma claramente a questão da invisibilidade, isto é, a necessidade de construir e reconstruir na luta um horizonte de sentido, portanto uma leitura da realidade social e das classes que ela encobre.

[...] Na perspectiva Lukacsiana, trata-se efetivamente de uma relação dialética entre prática e teoria, sem que nenhuma das duas tenha em definitivo a última palavra. Lukacs recusa tanto as certezas dos intelectuais, que falam à distância da luta, quanto o dogmatismo militante que faz calar os intelectuais, porque a consciência de classe não é um dado definitivo e seguro, às vezes ela pode escapar aos que invocam mais firmemente, o partido, por exemplo. (Ibidem, p. 130)

Sendo, então, o jornal, em sua essência, instrumento desprovido de tendência ideológica específica, como constataram Marx e Lukács, e sendo possível sua utilização

idade, como se verificou em episódios abordados pela autora do ensaio citado, em que a atuação de Marx em jornais europeus interferiu em situações de grande importância, pode-se considerar como propício o canal de apresentação das crônicas de futebol de Nelson Rodrigues; propício espaço público por exemplo para a exaltação de certas alteridades sempre desprestigiadas na realidade social contemporânea do cronista carioca.

Essa questão da visibilidade, visibilidade conquistada sobre a ideologia e contra ela, num confronto constante com ela, é essencial. É a essa questão que Marx devota sua prática incansável do jornalismo, que, em conjunto com a luta concreta, constitui, para o intelectual, como para qualquer outro, uma espécie de prática crítica nunca terminada, capaz de ajudar a luta graças a uma ampliação do olhar. (Ibidem, p. 134, 135)

Nelson Rodrigues, diante da mesma dominação que se exerce sobre os meios de difusão e da mesma necessidade pessoal de trabalhar, talvez se servindo da típica malandragem carioca, driblou a dominação, evitando questioná-la na condição de cronista e, excetuando a questão política, pôde expressar as qualidades mais essenciais do futebol, promovendo o esporte à condição de mitificação literária, o que resulta também na ampliação do olhar.

Convém lembrar que não se pretende, aqui, equiparar o Nelson Rodrigues das crônicas com Karl Marx nem com nenhum filósofo ou socialista, nem limitar o conteúdo de suas crônicas a uma única possível leitura voltada para o teor ideológico latente ou ausente nelas e outras já foram feitas nos capítulos anteriores. Mas importa explorar, deste específico *corpus* literário, os aspectos filosófico, social e político inferíveis nelas, e a dialética com a sua realidade social contemporânea, e também com a de nossos dias e há muito, ainda, em comum e, sem desprezar outros aspectos concorrentes para a condição de obra de arte literária delas.

Esta proposta de leitura já poderia apontar, como uma conclusão empiricamente verificável, a valorização social de inúmeros indivíduos beneficiados pelo esporte que, normalmente, não teriam as mesmas oportunidades fora dele. Indivíduos que, quando transformados em personagens nas crônicas, tinham legitimadas suas características, sua alteridade; o que aconteceu, principalmente, com os primeiros grandes craques negros e culminou com o príncipe etíope Didi, o rei Pelé e o descendente indígena Garrincha.

Quando inúmeros os casos de beneficiados pelo futebol, não se pode considerar estas ocorrências como um mérito a ser incondicionalmente festejado nas crônicas, pois estes exemplos empíricos, apesar mesmo de inúmeros, são insignificantes diante da totalidade de indivíduos desprestigiados por causa das suas etnias que não puderam usar a escada social do futebol para afirmação de sua alteridade, ainda que ela coincidissem, por exemplo, com a dos três heróis citados. Ou seja, as crônicas ajudaram a promover sujeitos, mas não nivelaram, apesar de conter apelo para tanto, todos os sujeitos de uma qualquer alteridade.

Nelas, o mérito é o ambiente de igualdade de condição entre as alteridades como ponto de partida para a maior ou menor consagração. Brancos, negros, indígenas, estrangeiros etc, tinham a mesma chance de ser os heróis consagrados no espaço jornalístico tradicionalmente conservador da figura de um só estereótipo de herói.

Confirma-se assim a neutralidade e a possibilidade da condição essencial ó apesar de quase nunca concretizada ó de espaço público do jornal: ao veicular a arte de Nelson Rodrigues, este poderoso canal fazia-se um espaço eficiente de exaltação de alteridades. Pena que, da quase totalidade de seu conteúdo, desde sempre, não se possa dizer o mesmo.

## 4.2. O futebol

Além do jornal, pensar Literatura a partir das crônicas me sugere obrigatoriamente pensar o futebol. E sendo, este, o capítulo de reflexões do conteúdo ideológico delas, depois de pensar o seu canal de veiculação, pensemos o objeto inspirador de sua concepção, o seu *corpus*; a historiografia do futebol no Brasil é de tal importância neste trabalho que mereceu um capítulo à parte ó sob um enfoque bibliográfico-literário ó, cujo conteúdo visa a uma facilitação de todo o diálogo sobre o assunto.

Assunto que parece precisar ser, mesmo entre intelectuais letrados, meio onde esta dissertação poderá ser lida, alçado da sua pré-conceituada condição de desimportância para, guardada a neutralidade conveniente, se poder analisar as diversas vontades de verdade às quais o esporte sempre foi e continua sendo submetido. ãAh, o

sa de interesses, negócios, egoísmos, vaidades. Estranho mundo, em que não se dá um passo sem esbarrar, sem tropeçar, sem pisar nas víboras inomináveis (Rodrigues, 1994, p. 142).

As análises já consagradas concebidas a partir do foco sociológico são perspicazes e úteis. Podemos ler Gilberto Freyre e Roberto DaMatta e ter uma interessante visão do universo do jogo dentro da cultura nacional.

A teoria damattiana das duas diferentes posturas do homem ó o homem da casa e o homem da rua ó, perceptíveis nas atitudes dos jogadores, é uma afirmação da possibilidade de se pensar o futebol, além da sua condição nata de esporte lúdico ó condição para a qual consta ter sido criado e trazido para o Brasil ó, também esporte de exercício físico e intelectual conveniente para a sociabilidade; e, como realçava Gilberto Freyre, para a expressão de individualidades socialmente caladas por preconceitos tradicionalistas.

Tem-se, pois, nestes e noutros pensadores, a possibilidade da macrovisão do futebol como prática cultural de massas, e suas derivadas conclusões possíveis. Mas não se deve esquecer: do futebol praticado em quase todas as comunidades brasileiras, costuma-se extrair, para comentários, o de elite, o dos grandes clubes, o de Nelson Rodrigues.

Este futebol, por sua influência política nacional, pode e deve ser pensado como objeto de estratégias políticas historicamente relevantes. Por este viés, há muito o que se lamentar pelo trato que os donos do poder sempre lhe deram; destaque-se a copa de 70, já abordada nesta dissertação através de análise do conto *Abril, no Rio, em 1970*; embora em toda a história do esporte na cultura brasileira seja verificável alguma utilização política louvável, como fez Mário Filho.

### **4.3. Futebol para todos**

Além dos possíveis enfoques filosóficos, sociológicos e políticos ó e da excessiva especulação financeira, um problema não abordado aqui por ser, em suas considerações mais importantes, de uma complexidade ainda impensável no tempo de Nelson Rodrigues ó, há outros vieses consideráveis nas crônicas, dos quais destaco dois

são relevantes para se estabelecer um quadro geral das implicações do esporte na Literatura e na cultura nacional: o futebol das artes que ele inspira e o futebol dos maiores envolvidos, os jogadores.

Na concepção deste quadro geral, as crônicas rodrigueanas são rico ponto de partida para reflexões a respeito do universo do futebol, apesar de não servirem de suporte para profundas argumentações de teor de denúncia explícita de uso perverso do esporte por parte dos poderes estabelecidos à época da produção delas; se contivessem explicitamente tal teor, repito, certamente não seriam publicadas.

Em compensação, partindo da leitura delas para reflexões sociológicas da condição dos jogadores, como representados, e do futebol para os desinteressados, elas dizem muito; a presença destes nos estádios ganha representatividade inclusive simbolicamente, com a personagem Grã-fina das Narinas de Cadáver.

O Maracanã das crônicas é palco de (des)encontros sociais curiosos: gente de todas as classes se torna personagem cuja relevância literária é desvinculada da sua condição fora dele. Lá dentro, todos eram torcedores. E a sagaz autoria das crônicas acena, como no fragmento a seguir, com a caracterização de diferentes tipos de torcedores:

Amigos, certa vez eu escrevi o seguinte: ó a atriz ou é atriz ou é inteligente. Diria eu que o mesmo acontece com o futebol. Ou o torcedor é torcedor ou é inteligente. Uma vez ou outra, porém, juntam-se uns quatro ou cinco torcedores inteligentes. Vocês entendem? Inteligentíssimos. [...]

Foi o que aconteceu no sábado, aliás domingo do Fla-Flu. E, mais uma vez, verificaram os presentes que esporte injusto é o futebol. (Rodrigues, 1994, p.177)

Os torcedores inteligentes da crônica citada queriam que o futebol fosse decidido por pontos: *“O Miguel achava que o devia ser como o boxe. Quando não acontece o nocaute, ganha quem faz mais pontos”* (Rodrigues, 1994, p. 177).

Poderia parecer lógico se a inteligência que prevalece no futebol não fosse a que permite as *“injustiças”* e que tem pouca ou nenhuma relação com o que se considera normalmente ser inteligência. Mas é interessante perceber que, mesmo para quem friamente olha o futebol como algo carente de justiça, ou para quem não sente mesmo prazer no futebol, não há impedimento em buscar o prazer que ele, com suas injustiças apaixonantes, pode proporcionar também por meio da Literatura.

outros participantes do evento futebol também sempre muito cuidadosamente flagrados são os jogadores. Os textos de Nelson Rodrigues permitem visualizar e até mesmo sentir ó coisas da Literatura ó o que se passa com os maiores envolvidos no jogo. Ficção à altura de um universo altamente passional, no qual aventurava-se, por exemplo, Zagalo:

Escrevi, mais acima, que o jogo [Flamengo x Botafogo, em setembro de 68] teve sangue, suor e lágrimas. Exato. Mas cumpre especificar: ó as lágrimas foram de Zagalo. Atirado no vestiário, como num túmulo, ele chorou. Desejaria voltar à luta, nem que fosse de maca, nem que fosse de rabeção [Zagalo saíra machucado]. Em campo, os outros davam tudo. Mas eu vos digo: nenhuma presença tão viva, militante e altiva quanto a ausência de Zagalo, o meu personagem da semana. (Ibidem, p. 49)

Jogadores como Zagalo, desinteressados como o Miguel Lins citado, ou torcedores, como o próprio Nelson Rodrigues, em suas características, tinham igual tratamento literário.

Se o futebol cria circunstância para que se afluem certas características humanas, as crônicas são uma exploração e um redimensionamento ó ficcionalização ó dessas características, ora registrando certas atitudes ou passagens lamentáveis, ora contestando juízos preconceituosos sobre fatos relevantes, ora desmentindo verdades empíricas, enfim, confirmando o pensamento de Drummond sobre o cronista: òO cronista serve-se às vezes de fatos imaginários para zombar dos reais.ö (Andrade, 2007, p. 53). Com o que o Nelson Rodrigues das crônicas concordava:

Cada cronista da delegação, em vez de babar materialmente o gozo, mandou dizer ao seu jornal o seguinte: ó òque os argentinos jogaram mais, que os argentinos mereceram vencer e que os brasileiros estavam apáticosö.

[...] Um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria à estúpida e chata realidade um sopro de fantasia. Falaria com os arreganhos de um orador canastrão. Em vez disso, os rapazes cingiram-se de uma veracidade parva e abjeta. Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente um fracassado. Sim, amigos, o fato em si mesmo vale pouco ou nada. (Ibidem, p. 12)

Fica clara a sugestão da autoria para que se pensasse melhor o modo como explorar a importância do futebol. Nelson Rodrigues, como Rubem Fonseca e outros

mentos para muitas interessantes reflexões, e ele permanece inesgotável.

Em Literatura, voltando a vasculhar a memória de Drummond, há que se lembrar uma crônica sua que vale por uma dissertação sobre a ficcionalização do futebol:

O locutor esportivo mais festejado em 1929 foi Anselmo Fioravante, que não entendia nada de futebol e por isso inventava.

[...] Jogo narrado por ele era sempre muito mais fascinante do que a verdadeira partida.

[...] Na verdade, ele não mentia. Apenas, ignorava as regras mais comezinhas do esporte e contava o que lhe parecia estar certo. (Andrade, 1997, p. 64 e 65)

Nelson Rodrigues sabia bem das regras mas, como o personagem de Drummond, sabia contar o que lhe parecia estar certo, mesmo se desmentindo os fatos. E, embora conste que enxergava pouco, levava sempre um filho aos jogos para lhe ajudar a elucidar as imagens da õficção-original-empírica-o-jogoö, seu texto, mais que a narração de Anselmo Fioravante, constituía uma verdade fácil de acreditar porque essencialmente verdadeira. Daí mais uma de suas filosofias de artista da palavra: se os fatos o desmentiam, pior para os fatos.

Volto também a Borges, com suas próprias palavras sobre crédito à arte:

Gostaria também de dizer algo sobre *Dom Quixote*. [...] A pessoa sabe tão pouco sobre si mesma que, quando li o *Dom Quixote*, pensei que o fazia por causa do prazer que eu tirava do estilo arcaico e das aventuras do cavaleiro e do escudeiro. Agora acho que meu prazer estava em outra parte ó que ele vinha do personagem do cavaleiro. Já não tenho mais certeza se acredito nas aventuras ou nas conversas entre o cavaleiro e o escudeiro; mas sei que acredito no personagem do cavaleiro e imagino que as aventuras foram inventadas por Cervantes a fim de nos mostrar o personagem do herói. (Borges, 2000, p. 108)

Na mesma palestra, publicada com o título de *O credo de um poeta*, ele retomou o assunto: õQuando escrevo uma história, escrevo-a porque de alguma forma acredito nela ó não como se acredita na simples história, mas antes como se acredita num sonho ou numa idéiaö (Ibidem, p. 118).

Nelson Rodrigues, à sua maneira, também professava seu crédito na idéia essencial das suas verdades:



lega que o tricolor está sem níquel para comprar nem mesmo escasso cabeça de bagre. A qualquer momento, nós o veremos numa esquina, tocando realejo, [...].

Tudo o que foi escrito é de uma veracidade total e estarrecedora. Cabe, então, a pergunta ó como pode um jornalista agredir os fatos, como pode ele ignorar a evidência? Explico: ó como tantos outros, o colega é cego para o óbvio. O que é o Fluminense? O maior clube do Brasil e do mundo. Repito: ó o maior clube do Brasil e do mundo. Isso é o óbvio mais que ululante. (Rodrigues, 1997, p.110)

Estas reflexões e citações, faço-as com a intenção de abalizar minha opinião sobre a relevância do assunto futebol e a conseqüente importância da sua utilização como matéria de manifestação artística a ser explorada para reflexões a partir de seu valor estético, como procedi principalmente nos capítulos anteriores, e mais explorado ainda em reflexões ideológicas, como procedo neste; não esquecendo que a área de conhecimento na qual se dá esta pesquisa, é a de Literatura, e que ela se propõe a dissertar a partir do texto das crônicas.

Assim, acredito já ter feito comentários bastantes para realçar alguns aspectos recorrentes nelas, os quais considero estar na base do seu valor como expressão e arte, aspectos que agora transformo em eixos temáticos específicos; os seguintes: nacionalismo; metafísica, metalinguagem; cotejamento do erudito com o popular; e, como uma característica transversal às outras e, na minha opinião, a mais importante de todas, a exaltação de alteridades.

As crônicas de Nelson Rodrigues, na condição mesma de ficção, contêm um apelo ao pensamento de algumas verdades necessariamente discutíveis dentro desses temas.

#### **4.4. Metalinguagem**

As crônicas contêm tanta metalinguagem que daria para construir um bom capítulo inteiro de dissertação só com citações.

õDe vez em quando, o colunista diário esbarra na falta de assunto. [...] E das duas uma: ó ou o jornalista arranja o assunto ou empaca definitivamente. Só no futebol é que não há esse perigo. Falo por mim. Tenho varado períodos, em que não acontece rigorosamente nada. Não há clássicos, não há peladas. Todas as bolas estão postas em sossego, e não

única e escassa botinada. Todos os cronistas deviam parar. na que cala tem a tristeza das fontes que emudecem.

É preciso escrever, encher as tiras, as bobinas, é preciso fabricar as manchetes. Nessas ocasiões, eu tenho um recurso infalível. Como não há mais Kaiser, nem Mata-Hari, nem a primeira batalha do Marne óu escrevo sobre Garrincha ou sobre Pelé. Eis um ou dois assuntos realmente inesgotáveis. A meu ver poder-se-ia escrever bibliotecas inteiras sobre um e outro. (Rodrigues, 1997, p. 151)

Esta já diz muito da espontaneidade da autoria e da facilidade informada por ela mesma em produzir Literatura a partir do tema futebol. No entanto, esta confissão espontânea e informal, significativamente representada pela recorrente saudação õamigosõ, talvez seja uma explicação para o habitual esquecimento das crônicas quando se fala em Nelson Rodrigues. Ao se mostrar transparente na produção, talvez a autoria tenha mesmo desagradado aos literatos acostumados ao místico por trás da Literatura, como afirma Ruy Castro: õ[...] e a literatura desconfia de qualquer obra que não venha num manto de ãmistérioã Ela não gosta de autores que escrevem sem truques, à frente de todos, com duzentos telefones tocando à sua volta e a vida correndo lá fora [...]õ (Castro, in: Rodrigues, 1993, p.12)

Mas, aos poucos, as crônicas têm saído do ostracismo. Depois de a Companhia das Letras ter editado os dois livros usados neste trabalho, a Agir também já publicou um volume com uma seleção delas, numa coleção de obras do autor.

A própria autoria foi sagaz em perceber sua condição atípica. O artista por trás da autoria das crônicas certamente sabia bem o que fazia, e talvez nem fizesse mesmo questão de reconhecimento literário imediato para as crônicas, com as quais ganhava o sustento diário. Para além, produzia Literatura em gêneros já consagrados como o teatro, o romance e o conto.

Nestes outros gêneros, principalmente no drama, em que se consagrou como um dos grandes nomes da nossa Literatura em todos os tempos, inclusive para os especialistas, ele ó o artista, o homem ó não adotou a mesma postura autoral, verificada principalmente pela metalinguagem, daquela observada na lida diária com o assunto futebol.

Sorte dos apreciadores das crônicas. Se o Nelson Rodrigues delas fosse exatamente o mesmo dos outros gêneros, é difícil acreditar que elas fossem como são.

obra dele, mostra a sua força. E esta força, responsável pelo clima de informalidade da autoria, resulta na grande diferença entre este gênero e os demais na obra rodrigueana.

Apesar de que a característica mais genial e revolucionária de toda a sua produção literária, a exploração de uma ordem oculta por trás da ordem aparente das coisas, ele a manteve nas crônicas de futebol, trocando ó espontânea ou premeditadamente; não importa! ó o tom de gravidade e intimidade familiar dos assuntos pela informalidade e a publicidade do universo do futebol:

Os sociólogos do Otto [Lara Rezende], os psicólogos do Otto, os educadores do Otto, os professores do Otto ainda não chegaram ao ser humano e o ignoram com uma crassa e bovina teimosia. É preciso que alguém lhes escreva uma carta anônima, com o furo sensacional: ó ðO homem existe! O homem existe!ö e vai ser um susto, um pânico, um horror, quando os especialistas perceberem que a besta humana está inserida na paisagem. (Rodrigues, 1994, p. 126)

Em tom de total descontração, a autoria vai proclamando suas verdades e debochando de opiniões alheias, mesmo quando a ðvítimaö era algum amigo pessoal, como Otto Lara Resende.

Numa crônica sobre o Fluminense, no mesmo tom de total descontração, a autoria brinca sua própria condição de cronista atípico, num achado metalingüístico, comentando sua ðluz genialö:

Sonhei que Deus chegava perto de mim e perguntava: ó ðO que é que você fez na vida?ö tratei de vasculhar toda a província do meu passado. Na minha infância andei roubando goiabas e raspando pernas de passarinho a canivete. Todavia, nem uma coisa, nem outra, me pareciam dignas de menção. Não seria eu o primeiro ladrão de goiaba, nem o primeiro estripador de passarinho. Na idade adulta, andei escrevendo peças, romances, crônicas. Mas nem as peças eram dignas de um Shakespeare, nem os romances dignos de Proust. E a verdade, a lamentável verdade, é que eu não encontrava, em toda a minha biografia, nada que surpreendesse o Altíssimo e merecesse o seu espanto. Eis, senão, quando, de repente, baixa em mim uma luz genial. Alço a frente e digo: ðEu promovi, eu consagrei o óbvio!ö (Rodrigues, 1997, p. 110)

O que pensar de, no gênero do teatro e no do romance, ele ter citado autores que considera superiores a ele e não tê-lo feito no das crônicas?

é pequeno o seu mérito de ter promovido o que chama ão óbvioö, de ter trazido a õbesta humanaö à tona, numa época em que, mesmo na Literatura, a abordagem da intimidade humana por trás das ocorrências era um tabu só explorado com a sutileza de um Machado de Assis ou com a prosa ó ou poesia? ó barroca de um Guimarães Rosa, ou por outros autores sempre com o (in)devido pudor.

A metalinguagem rodrigueana nas crônicas de futebol serviu muito bem para mostrar como devem ser gritadas coisas que não podem ser ditas.

Outra característica louvável da autoria das crônicas é sua ingenuidade ó ingenuidade louvável mesmo, como a trata Lévinas (1997) ó na lida com o futebol, no sentido de não usá-lo como mero combustível para inflamar sua criação, como fizeram e fazem quase todos os porta-vozes das atividades culturais, em cujas manifestações é vexatório o interesse de afirmação pessoal, institucional e ou mesmo de classe.

Um exemplo:

Durante a Copa do México, enquanto a seleção brasileira fazia maravilhas em terras mexicanas, a ditadura rolava solta por aqui. João Saldanha, o mais polêmico treinador que o Brasil já teve ó na verdade, um comunista de carteirinha ó, comandava uma equipe assediada pelos militares. Um prato feito para os cartunistas, que associavam a situação política do país à seleção na maioria das suas charges. (Jal e Gual, 2004, p. 70)

É de lamentar a postura dos autores do livro citado, *A história do futebol no Brasil através do cartum*, e mais ainda a de um terceiro cartunista, também famoso, ao reclamar em sua coluna de um jornal o fato de a história do *cartum* não ter sido devidamente valorizada no livro ó o qual se propunha a contar a história do futebol através desta arte, e não o contrário ó e de ele próprio e outro famoso não terem sido bem representados pelas charges deles escolhidas pelos autores do livro.

Se na metalinguagem das crônicas não há a cabível denúncia dos mandos e desmandos arbitrários dos poderes sempre obscuramente instituídos à época, não há também a auto-promoção a partir de uma situação nacional lamentável, tal como explorada com o ufanismo de um õprato cheioö para uma classe de artistas.

Ao refletir sua condição de autoria, na obra, o cronista se integra ao seu *corpus* e, embora deixe de lado questões importantes do ponto de vista político-social, é a valorização do futebol como atividade cultural *a priori* delas que pesa na promoção da sua produção artística.

ei de ler os *entendidos*. Vocês pensam que eles confessam a de nítida, inequívoca, insofismável do Brasil? [...]

*Os entendidos* viviam atribuindo aos jogadores europeus uma saúde de vaca premiada. Os brasileiros não subiam três degraus de uma escada sem dispnéia pré-agônica. E vem a copa e demonstra, inversamente, que a saúde, a resistência, a vitalidade, estão com a gente. (Rodrigues, 1994, p. 156)

õA genteõ não era, nas crônicas, um monte de interesseiros querendo explorar a popularidade do futebol, e sim uma comunidade querendo viver o melhor que ele podia propiciar. E a autoria responsável primeira pessoa, recorrentemente no plural ó índice de ingenuidade, de amizade ó, era a nossa melhor expressão literária.

#### 4.5. Metafísica

Tratando de metafísicas, nos dois sentidos mais usuais e polêmicos da palavra ó o aristotélico e o de estranho ou sobrenatural ó, Nelson Rodrigues se manifesta um autor complexo em discurso simples.

Ler as suas crônicas de futebol pode ser luz interessante em reflexões sobre questões metafísicas. E o assunto é recorrente nelas a ponto de ele ter criado o Sobrenatural de Almeida e o Profeta. Mas, muito além da participação deles, a metafísica permeia constantemente o discurso do autor, sendo solução e até problema para produção dos textos, dentro da lógica adotada pela autoria.

O profeta já anunciou: ó õFluminense campeão de 63!õ Desta coluna, eu já fiz o apelo aos tricolores, vivos ou mortos. Ninguém pode faltar ao Maracanã, Domingo. Incluí os fantasmas na convocação, e explico: ó a morte não exime ninguém de seus deveres clubísticos. Em certos clássicos, cada adversário arrisca o passado, o presente e o futuro. Precisamos pensar nos títulos já possuídos. Ai dos clubes que não cultivam santas nostalgias. Com os torcedores de hoje e os fantasmas de velhíssimos triunfos ó ganharemos o mais dramático Fla-Flu de todos os tempos. (Rodrigues, 1987, p. 120)

õAi dos leitores que não cultivam santas nostalgiasõ é idéia que se pode ler permanentemente nas entrelinhas de suas crônicas. Sem elas, o que seria do õdramáticoõ no Fla-Flu? O Fla-Flu matéria-prima para sua produção literária, mais subjetivamente sentido do que objetivamente visto.

r, aqui também, pode ser considerada como fator determinante deste aspecto da obra, apesar de interessar realmente, para a reflexão proposta, a ideologia da obra. É sabido que ele não tinha visão suficiente para captar com nitidez a imagem do campo de jogo. Numa (im)possível desconstrução de alguns textos ó os que tratam diretamente das ocorrências no campo de jogo ó se verifica a possibilidade ou mesmo a necessidade do emprego da metafísica para o estabelecimento de uma lógica autoral no desenvolvimento do discurso cujo fato/matéria, mal avistado, é, necessariamente imaginado ou complementado pela informação do filho ou de outro cronista, por exemplo.

Entre a objetividade das imagens e a subjetividade em as representar artisticamente, a imaginação tem o recurso da metafísica; no sentido de sobrenatural, como o próprio Sobrenatural de Almeida, e no sentido dos sentimentos e emoções relevantes na composição dos seus heróis e nas análises dos fatos. E se os fatos ocorridos não coincidem com a ficcionalização deles, õpior para os fatosõ.

Na exploração dos dois sentidos de metafísica como recurso para a lógica textual, a autoria rodrigueana é também exaltada, ou mesmo exagerada. E o próprio discurso explicita a intencionalidade do exagero:

Certo e brilhante confrade dizia-me ontem que õfutebol é bolaõ. Não há juízo mais inexato, mais utópico, mais irrealístico. O colega esvazia o futebol como um pneu, e repito: ó retira do futebol tudo que ele tem de misterioso e de patético. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana. Às vezes, num córner mal ou bem batido, há um toque de evidentíssimo do sobrenatural. Eu diria ainda ao ilustre confrade o seguinte: ó em futebol, o pior cego é o que só vê a bola. (Rodrigues, 1994, p. 103)

No emprego de elementos metafísicos como ocorrências pertinentes ao futebol, Nelson Rodrigues acaba promovendo o universo do esporte no seu texto. Isto faz pensar a relação entre os fatos e a ficção produzida por ele. O futebol teria dado mais ao autor, aguçando suas sensibilidade e criatividade a partir do seu contexto surpreendente, ou o autor teria dado mais ao esporte promovendo-o a partir da exploração do inusitado de circunstâncias recorrentes nos jogos?

Independendo da resposta, a õverossimilhançaõ sistematizada pela autoria das crônicas reflete o casamento da força ó metafísica? ó do universo do futebol com as possibilidades da ficção literária.

Lá estava Amarildo, o ãPossessoö. E vamos reconhecer que é uma provação bíblica substituir um gênio. A obrigação de ser também genial é um castigo, é uma provação, só comparável às de Jô. A bola fugia de Amarildo como de um leproso. No primeiro tempo ele ex-possesso, foi um falso dostoiievskiano. E o diabo é que estava profetizado o nascimento de um novo Pelé, qual novo Messias.[...]

Veio o segundo tempo. Setenta e cinco milhões de almas a meio pau. Eu já imaginava a volta do escrete. O novo Pelé, anunciado como um Messias, não aparecera. Lá no alto, Dostoiievski, arrancando as barbas negríssimas e obscenas, esbravejava: ó õparei com Amarildo!õ pois bem. E, de repente, ocorre o milagre: ó o Brasil descobre a si mesmo. Aí é que Amarildo começa a tremer. Do seu lábio já a baba elástica e bovina.

Todo mundo sentiu, lá e aqui, que o verdadeiro Amarildo substituíra o falso. A bola está com Zagalo. O Brasil continuava perdendo. Todo um povo levantava os braços para o céu. No alto, Deus respondia: ó õCalma! Calma!ö. Mas, como eu dizia: ó Zagalo foge com a bola. E centra. Amigos, os espanhóis sentiram o perigo e tratam de erguer, na sua área, uma muralha de pés na cara, de rapas, de chifradas. Mas Amarildo foi naquele momento o possesso integral, o possesso chapado. Daria a cara ao pé adversário. Morreria mil vezes. Deu-lhe uma nostalgia de sangue. Sim, quando partiu para o gol, Amarildo foi também o touro do soneto, saudoso de feridas. E foi o epiléptico fulgurante. E foi tudo. (Ibidem, p. 74)

Atualmente, por uma feliz coincidência, a televisão, principal responsável pela difusão do futebol ó no tempo de Nelson Rodrigues eram o rádio e o jornal ó tem um jornalista atento à metafísica da futebol, Tadeu Schmidt, apresentador de quadros e programas esportivos num canal de TV aberta; mas seu método de exploração do inusitado no esporte se limita a lances hilários, dos quais possa facilmente fazer humor, sendo sempre apresentados em horários considerados nobres por conta do alto índice de audiência.

Outro nome a ser lembrado por fugir ao tecnocracismo na lida da televisão com o futebol é o locutor Sílvio Luís; este, certamente, conhecedor do estilo rodrigueano de ver os jogos, pende também sempre para a exploração do hilário nos jogos. Para ele, os jogos são pano de fundo para divagações várias, enquanto a bola rola. Infelizmente é uma opção já rara de se extrair mais diversão de um jogo assistido pela televisão: Sílvio Luís é narrador, de quem a massa de espectadores espera, por estar condicionada a isto pela própria televisão, mera e, conseqüentemente, burra, narração, o que provocou seu gueteamento em canais de assinatura, enquanto os locutores dos canais abertos continuam se especializando em narrar redundantemente os lances do jogo, como se trabalhassem no rádio.

omes, dos quais ainda se pode esperar alguma valorização da metafísica no universo do futebol ó embora sempre focada com olhar cômico ó, o texto de Nelson Rodrigues a valorizava como força onipresente nos jogos.

Sem perder o senso de humor ó õetflicoö, como já comentado, aqui ó nas considerações sobre interpretações de resultados normalmente explicáveis por ocorrências previsíveis e visíveis dos jogos, ele podia aparecer com uma melhor, como quando escreveu que o Fluminense perdeu para o Botafogo, em 58, por não acreditar em Deus. Da crônica referente a este jogo dá para extrair uma base teológica para a fundação de uma nova e interessante religião:

O que existe, sim, é um Deus de cada um, um Deus para cada um. Por outras palavras: ó um õDeus de Carlitoö, um Deus do leitor, um Deus meu e assim por diante. Ao falar com um esgar de pouco-caso no õDeus de Carlitoö, o meu amigo anunciava uma verdade, sem querer. [...] E ninguém queria perceber o óbvio: ó graças a Carlito, criava-se uma relação entre o Botafogo e o sobrenatural, e o clássico decisivo passava a adquirir um pouco de eternidade.

Vem o jogo. Com a nossa obtusidade de ateus, tínhamos da batalha uma visão crassamente realista. Só cuidávamos dos aspectos técnicos, táticos e físicos.

[...] Ora, nenhum brasileiro consegue nada, no futebol ou fora dele, sem a sua medalhinha no pescoço, sem os seus santos, as suas promessas e, numa palavra, sem o seu Deus pessoal e intransferível. (Ibidem, p. 37)

Pela atmosfera criada com a supremacia desvelada da sentimentalidade sobre a racionalidade nas crônicas, não dá pra não pensar em metafísica.

É com uma lógica só possível na metafísica que a autoria cria e explora uma atmosfera de transcendência no jogo e no seu entorno, e esta transcendência, combinada com o discurso rodrigueano não podia ser ficcionalizada sem exaltação, sem dramatização.

Resultado: a singularidade das crônicas na nossa produção literária, com a também significativa diferença de ser oferecida em jornal para os envolvidos e os interessados nas ocorrências retratadas no seu texto.

Para os literatos tradicionalistas e intelectuais diversos também envolvidos ou interessados pelo universo do futebol ou apenas apreciadores das crônicas, o prazer em lê-las também podia valer a compra do jornal, mas até hoje pouca gente se lembrou de comentar o seu valor, o que talvez se explique pela crescente desvalorização da metafísica nas práticas culturais em todos os meios de comunicação.



...a crescente da racionalidade e da formalidade na produção jornalística, a busca de uma prosa inteligentemente sentimentalizada, encontra nas crônicas um arauto da metafísica, cujas idéias apresentadas apaixonadamente como legítimas e incontestáveis, eram apresentadas em tons de discursos variáveis do sarcástico ao profético, do melancólico ao eufórico, sem perder a lógica autoral e sem se desgastar ou se banalizar.

Ler as crônicas podia e pode sempre acrescentar idéias no repensar um jogo ou um jogador ó objetos imediatos ó, e podia e pode acrescentar idéias no pensar a metafísica como algo além do conhecimento científico e da filosofia.

#### **4.6. Nacionalismo**

Devo ter assimilado de algum analista político a idéia de que o nacionalismo só existe de fato quando se trata de defender a autonomia e interesses nacionais. A história recente da humanidade registra feitos admiráveis de povos que se superaram na defesa de sua autonomia e soberania, como os vietcongues; e registra, simultânea e inversamente, fracassos de países cujo nacionalismo transformado em pretensão de dominação e hegemonia caiu diante da fé nacional dos seus pretensos subjugados.

Mas nacionalismo não se restringe à manifestação da vontade de autonomia política; as crônicas de futebol de Nelson Rodrigues instigam uma redefinição deste conceito diante da necessidade de uma libertação psicológica de idéias e ideais deturpados de uma nação a respeito de si própria.

A historiografia da nossa Literatura aponta um erro de conceito de nacionalismo recorrente nos nossos autores românticos; erro evidentemente sintonizado com a mentalidade da época, mas que permanece nos nossos dias, apesar de o modernismo ó ainda falando na historiografia da Literatura ó tanto ter esclarecido tal conceito e tanto ter ridicularizado aquele nacionalismo cuja realização era, na verdade, cópia de modelos europeus.

Por este aspecto, Nelson Rodrigues, nas crônicas, dialoga muito mais com os autores da fase heróica do modernismo do que com os clássicos românticos da tradição europeia e brasileira, paradoxalmente mais citados no seu texto.

Seu discurso apresenta semelhança ó ou influência? ó na simplicidade do vocabulário e das construções frasais, se cotejado com os romances românticos direcionados à burguesia ascendente, e nas hipérboles e no excesso de sentimentalismo dos poetas contestadores.

Daqueles considero haver também semelhança ó ou influência? ó pelo ambiente textual cuja coloquialidade do vocabulário ó excetuando-se as obras de extremo apuro ou especificismos na concepção desta coloquialidade ó e das construções frasais, em harmonia com a expressão do sentimento de nacionalismo brasileiro mesmo, acabam resultando num estilo bem adequado ao público leitor das crônicas, e necessário à reiteração da correção do conceito de nacionalismo, infelizmente até hoje carente de Macunaímas.

Vejamos, no clássico de Mário de Andrade, uma mostra de defesa do nacionalismo e de antropofagia:

Falam numerosas e mui rápidas línguas; são viajadas e educadíssimas; sempre todas obedientes por igual, embora ricamente díspares entre si, quais morenas, quais fossem maigres, quais rotundas; e de tal sorte abundantes no número e diversidade, que muito nos preocupa a razão, o serem todas e tantas, originais de um país somente. Acresce ainda que todas se lhes dão o excitante, embora injusto, epíteto de õfrancesasõ.[...] Muito estimaríamos que compartilhásseis da nossa desconfiança, senhoras Amazonas; e que convidásseis também algumas dessas damas para demorarem nas vossas terras e Império nosso, por que aprendais com elas um moderno gênero de vida, que muito fará avultar os tesoiros do vosso Imperador. (Andrade, 1998, p. 60)

A memória de Mário de Andrade certamente se excita toda vez que alguém traz à tona seu antropofagismo, com a possibilidade de acréscimo de significado sugerida neste fragmento da õCarta pras Icamiabasõ.

Nelson Rodrigues também transmitiu sua aprovação ao contato com a cultura estrangeira do qual se pudesse extrair qualidades para a consolidação da nossa identidade nacional. Seu discurso chega a ser didático:

Na Suécia, ele [Pelé] não tremerá diante de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e mesmo insolente que precisamos. [...]  
Por que perdemos na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o

m duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase e humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. (Rodrigues, 1994, p. 41 e 42)

A incorporação do futebol à nossa cultura não seria uma representação interessante da nossa vocação antropofágica? Nas crônicas, a reclamação do autor pela imposição de uma postura brasileira na prática do esporte chega a constituir a cabível ofensa ideológica explícita àquele estereótipo idealizado ó a cada dia menos possível, mas ainda idealizado ó de povos que eram nossos adversários nas competições internacionais, como a Inglaterra, a Alemanha e até a Argentina.

O tom de profecia do discurso nacionalista foi consagrado pela geração de Pelé e Garrincha, que, com a postura viril do jogador europeu e o talento típico do jogador brasileiro, promoveu nossa alteridade ao mais alto posto numa modalidade de esporte de enorme influência cultural em quase todo o mundo.

Ao fim da copa de 62, o òProfetaö, como intitula seu próprio personagem em várias passagens, faria inveja a qualquer nacionalista clássico, romântico ou modernista, com a exaltação da brasilidade, da alteridade brasileira, capaz de superaração de todos os problemas de má formação nacional, e, em igualdade de condição de disputa, como nas copas do mundo de futebol, de superar todas as outras nações:

A partir do segundo gol [do jogo contra a Espanha], algo mudou no destino do Brasil. Este começou a ser grande potência. E, hoje, acordamos, todos, com a fronte erguida e fatal de profetas. Neste momento, a crioulinha, favelada e descalça, tem um halo de Joana Døarc. E o brasileiro mais pé-rapado, mais borra-botas, enrola-se num manto como um rei Lear. O Brasil venceu. Somos milhões de reis. (Ibidem, p. 75)

Com a consagração, através do futebol, da alteridade brasileira, como alardeada na arte de Nelson Rodrigues, nega-se a teoria de que o nacionalismo não tem eficiência em conquistas sobre outras nações? Pergunta conveniente para se re-contextualizar os conceitos de nacionalismo.

As nações mais poderosas não estariam, desde a popularização dos esportes, usando sua supremacia neles para explorar de várias formas as outras? À época das últimas crônicas rodrigueanas, nossos craques passaram a ser inevitavelmente expatriados, enquanto nossa gente era influenciada a usar roupas e materiais esportivos

questão é complexa, e como não temos mais um cronista como ele, só dá pra pensar, aqui, o nacionalismo histórico do qual ele tratou, numa circunstância em que o futebol se nos apresentou como uma oportunidade de defesa contra mazelas infringidas a nós pela nossa inconveniente auto-estima.

Era, como considera Stuart Hall (1998), o período da modernidade tardia. Os conceitos de nacionalismo e globalização estavam prestes a imergir numa rede complexa de influências indeterminantes. Ou seja, era o momento histórico derradeiro para afirmarmos uma nacionalidade associável à capacidade de superação da nossa alteridade diante do até então consagrado modelo *superior* de humanidade, o homem branco, adulto, europeu ou norte-americano.

Hoje parece ser querer demais querer um outro arauto do nosso nacionalismo, capaz, por exemplo, de condenar a postura de certos atletas queridos do povo, absurdamente ricos, vendendo suas imagens para influenciar o consumismo numa pátria em que tanta gente não tem o que comer.

Agindo assim, esses atletas *são* principalmente jogadores de futebol, pois parece serem ainda os mais facilmente influenciáveis; embora nem todos *são* contribuem para aniquilar nossa alteridade, pois uma criança vestida com marcas estrangeiras e ostentando equipamentos eletrônicos importados, normalmente desnecessários, muitas vezes prejudiciais *são* aqui escreve um professor que não se cansa de aconselhar alunos a desligar o aparelho, na escola *são*, já pouco tem de cultura nacional.

Considerando a vastidão da nossa cultura, o atual sincretismo acelerado pela globalização, e a força capitalista embutida na globalização, não dá mesmo para esperar que sejam mantidas nossas práticas culturais, a não ser na condição de *bandeiras* representativas de interesses restritos, como nas *adoções* de culturas tradicionais, por instituições neoliberais.

No caso do futebol, a permanência da sua prática na nossa cultura também está assegurada por interesses capitalistas: saíram os campinhos de pelada, instituíram-se as escolinhas.

Voltando à filosofia, *na* verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação* (Hall, 1998, p. 48), mas, considerando que nossa brasilidade se deu desde há muito

rversas ou boas intenções a desencadearam ó, ela resiste, principalmente no futebol, como idéia forte nas nossas relações com outras nações.

Há que se considerar ainda que exaltar uma alteridade brasileira, como por exemplo a dos meninos pobres que jogam bem o futebol, é deixar de exaltar as várias outras alteridades da cultura brasileira, como a das mulheres que também jogam bem o futebol e nunca tiveram o devido reconhecimento. Ainda assim, não se pode negar o valor da exaltação à brasilidade na capacidade de toda a nossa gente depois da erradicação do complexo de vira-latas.

E se hoje, já e ainda, é motivo de orgulho e de boa auto-estima ser brasileiro, as crônicas de Nelson Rodrigues têm considerável mérito por isso.

#### 4.7. Nivelamento do erudito com o popular

Também para tratar deste tema eu poderia poupar minhas palavras e me limitar a escolher, no *corpus* analisado, os trechos a citar. Como comentador, lembro serem do fim dos anos cinquenta ao fim dos setenta as crônicas; no entanto, para as sugeridas reflexões, elas podem e devem ser consideradas como voz contemporânea nossa, pois o nivelamento de que trato, por circunstâncias diversas normalmente resumidas como globalização, segue se impondo como tendência natural.

Se hoje ainda não se sabe quais serão os efeitos do sincretismo cultural propiciado principalmente pela Internet, o inquestionável benefício de uma harmonização de conhecimentos eruditos e populares, pelo menos na Literatura, é ponto de partida para boas reflexões.

Nas crônicas, o sincretismo cultural resulta numa instigante aproximação de nobres e plebeus, de mitos e marginais:

Amigos, ontem foi um dia santo. O escrete do Brasil fazia a sua primeira audição na Inglaterra. Eu vos direi que a rainha devia ter comparecido ontem, e não na véspera. Pois o divino Pelé jogou como se todos ali fossem rainhas. E se o diáfano espectro de Maria Stuart viu o crioulo, há de ter sussurrado: ó ÷Vai jogar assim no raio que o parta!ö.  
Mas eu dizia que toda a cidade parou. As nossas madames Bovary, as nossas Anas Kareninas suspenderam seus amores e seus pecados, das três

bandidos do Leblon não assaltaram senhoras nem crianças. (Ibidem, 1994, p. 127)

Difícil é saber se os nomes e fatos consagrados na história tradicional com seus artistas e obras cultuados entre eruditos são rebaixados pela autoria das crônicas, ou se o universo de futebol é que se eleva. O certo é que esses elementos todos são nivelados permanentemente, com os dois universos, o da bola e o dos livros, tão naturalmente misturados e aparentemente íntimos que dá para usar a metáfora do casamento entre futebol e Literatura em Nelson Rodrigues para considerar as crônicas como uma nova e singular família fictícia, convivendo em harmonia.

Nesta família, ou seja, nas crônicas, um brasileiro qualquer tinha direitos de personagem e de personalidade; e os valores exaltados de cada um compõem uma rede de trocas simbólicas desprovida de preconceitos.

O justo, o correto, o eficaz é que assim incentivássemos a seleção de paus-de-arara: ó tudo, menos humildade! Seja arrogante! Erga a cabeça! Suba pelas paredes! Ponha lantejoulas na camisa!õ.  
Chamo os nossos jogadores de paus-de-arara sem nenhuma intenção restritiva. O pau-de-arara é um tipo social, humano, econômico, psicológico tão válido como outro qualquer. Tem potencialidades inéditas, valores ainda não realizados. (Ibidem, p. 188)

Considerando serem os meios de comunicação sempre controlados por sujeitos de postura capitalista, e o sucesso de seus negócios depender da exploração do erudito e do popular nas suas publicações, é fato que as crônicas foram institucionalmente úteis na afirmação institucional das mídias, também usadas por elas; ao mesmo tempo, porém, que contribuía para a afirmação de uma mídia ideologicamente reprovável, a autoria das crônicas a usava, espaço eficiente ó *a priori* do conteúdo veiculado ó que ela era, a bem da valorização de culturas, como a dos paus-de-arara, normalmente rebaixadas numa escala de valores estabelecida e legitimada por convenções nas quais essas culturas populares não se faziam dignamente representadas. Por isso falamos em rebaixamento do erudito ou ascensão do popular, e não o contrário, quando os encontramos nivelados nas crônicas.

Hoje, com a Internet, já não há o mesmo mérito em valorizar alguma cultura popular num espaço cuja consagração se deve mesmo ao fato de ela ser terra de ninguém. No entanto, fora da rede virtual, e até mesmo nela, só num porvir otimista se

nifestações populares, ainda rotuladas como *folclore*, convivendo na arte e na vida com as culturas aristocratas sem a preconceituosa consideração de que um artista ou um universo virtual foram responsáveis por proceder o rebaixamento destas ou a promoção daquelas.

A autoria, em sua usual primeira pessoa, relutava em admitir uma condição de inferioridade quando se fazia também personagem entre a massa dos brasileiros afetados pelo *complexo de vira-latas*, definido assim por ela própria: *“Por ~~o~~ complexo de vira-latas entendendo a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol (Rodrigues, 1994, p. 52).*

*“Sobretudo, no futebol esclarece muito: O futebol era mesmo o meio através do qual o popular poderia se valorizar a ponto de se misturarem as referências históricas de alta e baixa cultura. Para isto, a alteridade brasileira tinha a necessidade urgente de se legitimar como nacionalidade respeitável, e o fez simultaneamente à legitimação do futebol como cultura aqui mesmo e em muitos países, como afirma Arno Vogel:*

*Por que, então, ser o primeiro no futebol tem tanta importância?*

*A resposta não é simples de dar. Existem países em que o futebol não tem quase expressão nacional. Para os primeiros, uma Copa do Mundo representa nada, ao passo que, para os últimos, ela pode vir a ser uma questão de vida ou morte. De um modo geral, os latino-americanos são apaixonados quando se trata de futebol.*

*Através dele, os uruguaios, argentinos e brasileiros conseguiram seus primeiros momentos de afirmação diante dos europeus que tinham lhes ensinado o jogo. Esta relação pode ter sido decisiva, ainda mais se for levado em consideração o fato de o futebol ter sido incorporado à vida das elites. O modelo de vida social, nos países mencionados, é, senão gerado, pelo menos fortemente influenciado pelos padrões dessas elites. Por todos estes motivos, há muito mais em jogo, nas Copas, do que supõe o senso-comum. (Vogel, 1982, p. 82)*

Também neste aspecto, a questão da troca simbólica entre a autoria das crônicas e as possibilidades do futebol aponta a dúvida entre quem se beneficiou mais; se o esporte, tendo um arauto do seu potencial de revelar valores humanos nobres, ou a autoria, tendo como matéria de inspiração esta potência *o* o futebol *o* capaz de alçar à condição de celebridades mundiais sujeitos representativos de alteridades sempre menosprezadas.



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

casamento entre a Literatura e o futebol, na pena rodrigueana, como um fenômeno cultural louvável no sentido de proporcionar a desalienação das inteligências por trás da conceituação da idéia de cultura; tanto os oiletradosö, por passar a se ver representados, quanto os eruditos, por terem, escancarado no discurso literário de um erudito, a exaltação dos valores de uma prática cultural popular.



Dissertar sobre um *corpus* dispersa e superficialmente, como fiz, não poderia resultar em uma conclusão embasada e definitiva. A ausência de uma tese central e da usual argumentação em favor dela, no entanto, propiciou a abertura de muitas reflexões cabíveis na variedade dos temas mais recorrentes na minha leitura das crônicas de futebol de Nelson Rodrigues.

Tendo, já, cada um destes temas, sido tratados com os comentários, sugestões e até mesmo as conclusões que me ocorreram durante o transcurso das leituras, limito-me agora a uma reconsideração da dissertação como o todo que ela é, a fim, mais de reportar a importância do seu conteúdo e a pertinência dos seus enfoques, do que de insistir em alguma teoria ou opinião crítica.

Assim, uma conclusão possível, do ponto de vista literário, é a de que todo o conjunto das crônicas lidas compõe um universo ficcional a ser lido como um grande romance, épico e ao mesmo tempo pós-moderno, cujo tema central é o futebol profissional brasileiro dos anos da produção delas.

Neste romance, as formas de leitura são várias, podendo-se extrair, por exemplo, de seu texto total, uma série de crônicas conseqüentes, como as da época de uma das Copas do Mundo; teríamos a montagem de um conto dentro do grande romance, e deste conto já se poderia extrair matéria para comentários a respeito da postura autoral inferível nas crônicas e dos assuntos que ela traz à tona através da sua lida com o universo do futebol. Aí esta sua condição de épico, também valorizado como registro.

As que versam sobre um dos jogadores-personagens mais abordados ó Garrincha, Didi e Pelé, ou outros ó se organizadas em seqüência cronológica, constituem uma novela à parte e são outra fonte literária de reflexões sobre valores literários, sociais e culturais.

Com vários outros temas concretos semelhantes, ou até com temas abstratos, como fiz com o tema da exaltação de alteridades, as crônicas convidam também a uma leitura fragmentária cuja reconstituição resultaria em tratados literários sobre os vários assuntos também recorrentes. Aí está sua condição de romance pós-moderno: a variedade das possibilidades de leitura: o leitor pode montar seu próprio romance ajuntando as crônicas na seqüência de leitura que preferir.

extos trariam a latente, ou ululante, autoria do cronista de futebol Nelson Rodrigues. Esta é uma das teses básicas desta dissertação desenvolvida sem a pretensão de uma alardeada conclusão: há uma postura autoral rodrigueana singular por trás de seus textos sobre futebol, inconfundível com qualquer autoria consagrada em crônicas esportivas e com a autoria dele mesmo nos outros gêneros literários. Postura autoral a ser lida e pensada com o cuidado necessário para se perceber suas marcas, sua inteligência em promover o futebol sem se afetar com a censura ou a intimidação político-militar das autoridades do tempo da produção e veiculação delas.

Talvez a conclusão ideal aqui fosse uma relacionada ao caráter extra-literário da leitura feita, saliente no terceiro e quarto capítulos, como por exemplo, uma afirmação embasada dos benefícios históricos trazidos pela veiculação das crônicas, mais notadamente a erradicação do ãcomplexo de vira-latasõ; aliás, a associação do conteúdo delas à situação nacional desde sua época é muito esclarecedora. Se a história do Renascimento pode ser melhor remontada pela reconstituição de uma sapataria italiana do séc. XV do que pelas obras que a tradição consagrou e manteve, como afirma Villen Flusser em *O mundo codificado* (2007), aspectos subjetivos da formação da atual identidade nacional não podem ser melhor contados por nenhuma reconstituição do que pelas crônicas; elas permitem ler o homem por trás dos fatos; eis a grande semelhança delas com todo o universo da produção literária rodrigueana e, ao mesmo tempo, a grande diferença entre ele e seus colegas cronistas esportivos.

Nelson Rodrigues cronista de futebol foi filósofo ao ler o homem, já no seu tempo. E como o filósofo, ao seu modo, engajado, expôs e influenciou esse homem na afirmação da sua qualidade de brasileiro, de herói, de legítima e notável alteridade, independente de qual alteridade fosse; seus indisciplinados, seus negros, seus miseráveis, e até as mulheres, gozam do mesmo prestígio no seu universo do futebol. No seu nosso futebol universal.

Pensar estas questões a partir das crônicas convida, como me ocorreu, a pensar a autoria e o autor. Ele, o homem, inseriu-se no meio futebolístico e nele concebeu, não sei com que nível de consciência e de intenção, o autor Nelson Rodrigues de quem trato. Deste, a consciência e a intenção se pode aferir e inferir na obra, mesmo considerando não haver nela nenhum projeto político ou ideológico à altura das suas possibilidades artísticas explícitas.

in el geral das crônicas, percebe-se o foco narrativo ora se misturando, ora se afastando do narrado de acordo com a postura da autoria, ora ocupada apenas em explorar o potencial de ficcionalização artística dos fatos, ora de filosofar sobre eles, trazendo recorrentemente uma interpretação nova, uma sugestão surpreendente, um exemplo de postura interessante, apesar de neutra em relação às forças políticas instituídas à época; e diga-se sempre: inteligentemente submissa às forças oficiais.

A assinatura Nelson Rodrigues nas crônicas significa uma autoria informal, como deveriam mesmo ser tratadas sempre as ocorrências essenciais do futebol, mas significa, ao mesmo tempo, uma inteligência questionadora das posturas e atitudes esportivas, políticas e artísticas dos seus bastidores, com o tom sempre exaltado, e/ou sarcástico e/ou injuriado, do artista apaixonado e preocupado, apesar de declaradamente descrente da possibilidade de o universo do futebol se tornar mais interessante a partir de posturas mais éticas de seus envolvidos ó questão mesmo insolúvel, pois se alguma mudança tem se verificado na postura ética dos envolvidos com o futebol profissional, principalmente na de suas autoridades, é no sentido de torná-lo cada vez mais comercial; para o que nossa mídia quer fazer parecer ético um jogador fazer propaganda de uma marca de cerveja por se considerar um brasileiro guerreiro.

Além da abordagem dos temas políticos e sociais, conteúdo realmente mais importante do trabalho, há nele outras nuances cujo esquecimento, ou o desenvolvimento de uma só linha temática conclusiva, seria um redutor descabido, como se me apresentou descabida, desde o início do trabalho, a pesquisa e a exploração exclusiva do aspecto literário das crônicas, sendo elas tão provocadoras de reflexões mais urgentes.

Enfim, devo dizer que não cabe mesmo uma conclusão a este trabalho. A não ser a consideração do potencial reflexivo do seu *corpus* e a declaração do prazer estético e do exercício intelectual satisfatoriamente recompensador da dedicação à sua leitura.

Dialogar com o Nelson Rodrigues das crônicas pode acrescer muito mais do que o mero conhecimento dos clichês famosos por conta delas. Por trás deles, e no conjunto todo das cento e oitenta crônicas consideradas neste estudo, há uma inteligência altamente sagaz e fascinante por se apresentar deslocada das posturas usuais dos literatos consagrados.

e diante dos textos, a ponto de me considerar entre os amigos da saudação inicial de várias das crônicas, fui percebendo o quanto elas me influenciaram, inclusive na busca da percepção do óbvio ululante na Literatura e na vida.

Mesmo não concordando com todas as afirmações, ideológicas ou não, e mesmo considerando criticável a postura política da autoria, principalmente por não denunciar a perversidade da apropriação empresarial e publicitária do futebol, resultante no uso do esporte como instrumento de controle e exploração da massa no seu tempo, termino o trabalho considerando se tratar as crônicas de leitura altamente recomendável como mostra, na forma e na mensagem, da capacidade de produzir arte da gente brasileira; e como painel das possibilidades de reavaliação dos valores culturais populares e eruditos.

As crônicas lidas não explicitam a visão do futebol, seu *corpus*, como uma arte, mas depois da leitura a ponto considerá-las um grande romance, como me referi, leio nitidamente no seu conteúdo a implícita afirmação do *status* de arte do futebol. E apenas para acenar com uma premissa da afirmação, sugiro a imagem, recorrente nelas, do Maracanã lotado de gente dotada de todas as formas de inteligência, encantando-se com as peripécias dos jogadores, e com todo o espetáculo que envolve um grande clássico do futebol; lembrando que, como a própria autoria das crônicas afirma, até as peladas têm sua magia.

Como arte, o futebol careceu de um literato da estirpe de Nelson Rodrigues para transformar seu encantamento em mito. A obra que casou a Literatura com o futebol tem muito a dizer ainda, a quem se interessar, sobre muito mais do que Literatura e futebol. Casamento, como os outros, gerador de prazeres e controvérsias, de trocas e de buscas de conclusões para as reflexões geradas.

Mas conclusão definitiva, neste trabalho de um apreciador de futebol e Literatura, só mesmo a da lamentação de não termos mais um cronista como Nelson Rodrigues; compensada, porém, pela satisfação de termos Nelson Rodrigues.

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A língua e o fato*. [http:  
www.lusitanocoelhong2004.blogspot.com/2008/04/poesia-de-minas.html](http://www.lusitanocoelhong2004.blogspot.com/2008/04/poesia-de-minas.html).  
(Página na Internet)
- \_\_\_\_\_. *Histórias para o rei*. Record: Rio de Janeiro, 1997.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. Itatiaia: Belo Horizonte, 1988.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Click: Rio de Janeiro, 1997.
- BARRETO, Lima. Uma conferência esportiva. In: BARRETO, Lima, DO RIO, João,  
e outros. *A palavra é ... futebol*. Scipione: São Paulo, 1990. p. 7 a 16.
- BELLOS, Alex. *Futebol; O Brasil em campo*. Trad. Jorge Viveiros de Castro. Rio de  
Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BONUMA, Taiana. *Muitos beijos*. Super Interessante. Abril. Ed. 183. Dez/2002, p.  
68-71.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.
- CÉSAR, Guilhermino. Observando. In: *Mercúrio; Orgam da Associação dos  
Empregados no Commercio em Cataguazes*. Ano 1, nº 6, 30/01/1926, p. 1.
- DaMATTA, Roberto e outros. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*.  
Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- FAERMAN, Marcos. A prosa e a bola. In: *Cult*. n.º 11, junho de 1998.
- FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Mauad: Rio de Janeiro, 2003.
- \_\_\_\_\_, e RODRIGUES, Nelson. *Fla-Flu ... e as multidões despertaram*. Europa: Rio  
de Janeiro, 1987.
- FLÜSSER, Villen. *O mundo codificado*. Cosac Naify: São Paulo, 2007.
- FONSECA, Rubem. Abril, no Rio, em 1970. In: *Contos reunidos*. São Paulo:  
Companhia das Letras, 1994, p. 386 a 391.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva  
e Guacira Lopes Louro. 2ª ed. DP&A: Rio de Janeiro, 1998.
- JAL e GUAL. *A história do futebol brasileiro através do cartum*. Rio de Janeiro: Bom  
Texto, 2004.

- \_\_\_\_\_. a Football Club. In: BARRETO, Lima, DO RIO, João, e outros. *A palavra é ... futebol*. Scipione: São Paulo, 1990. p. 41 a 52.
- MACHADO, Alcântara. Corinthians (2) x Palestra (1). In: BARRETO, Lima, DO RIO, João, e outros. *A palavra é ... futebol*. Scipione: São Paulo, 1990. p. 41 a 52.
- MACKENZIE, José Carlos. *Cuspe, Marchemelo e Champignon: A desesperança e a fragmentação social no conto ãAbril, no Rio, em 1970ö, de Rubem Fonseca*. <http://www.filologia.org.Br/viiicnlf/anais/cademo0406.html> (Página na Internet, 2009)
- MULHMANN, Géraldine. *Marx, o jornalismo, o espaço público*. In: O silêncio dos intelectuais. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 117 a 136.
- PIMENTA, Edward. *Por que não temos um cronista como Nelson Rodrigues?* In: [www.bravonline.com.br](http://www.bravonline.com.br), 06/2007, p. 35.
- RAMOS, Graciliano. Linhas tortas. In: BARRETO, Lima, DO RIO, João, e outros. *A palavra é ... futebol*. Scipione: São Paulo, 1990. p. 23 a 30.
- RIO, João do. Hora de football. In: BARRETO, Lima, RIO, João do, e outros. *A palavra é ... futebol*. Scipione: São Paulo, 1990, p. 17 a 22.
- RODRIGUES, Nelson. *O Melhor do Romance, Contos e Crônicas*. Companhia das Letras: São Paulo, 1993.
- \_\_\_\_\_. *À sombra das chuteiras imortais; crônicas de futebol*. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A pátria em chuteiras; novas crônicas de futebol*. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.
- ROLLEMBERG, Marcelo. O idioma do futebol. In: *Cult*. n.º 11, junho de 1998.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Pela mão de Alice; o social e o político na pós-modernidade*. 4ª ed. Cortez: São Paulo, 1997.
- TAFURI, Marcus. *O menino da rua Alegre*. 2ª ed. Dimensão: Belo Horizonte, 1995.
- TRAQUILIM, JOSEFINA DE FÁTIMA. *Nelson Rodrigues: experiências jornalísticas, repertórios de produção*. <http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002...> (Página na Internet, 2008)

*Literatura futebolística e brasilidade: Uma leitura  
damattiana das crônicas de Nelson Rodrigues.*  
[http://www.enfoques.ifcs.ufrj.Br/marco04/pdfs/marco2004\\_02.pdf](http://www.enfoques.ifcs.ufrj.Br/marco04/pdfs/marco2004_02.pdf) (Página na  
Internet, 2009)

VOGEL, Arno. *Momento Feliz, Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional*. In:  
*Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. DaMATTa, Roberto e  
outros. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade; 1780-1950*. Trad. Anísio Teixeira e  
outros. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1969.

ZENI, Bruno. Um entrosado time de escritores. In: *Cult.* n.º 11, junho de 1998.